

COISA DE ?
MENINO ?



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Letras e Artes
Escola de Belas Artes
Departamento de Comunicação Visual - BAV

Coisa de menino?

Narrativa ilustrada sobre preconceito de gênero no futebol
Projeto e Monografia de Graduação em Comunicação Visual Design

Renata Amoedo Martins

Orientação: **Nair de Paula Soares**

Coorientação: **Henrique Cesar da Costa Souza**

2019.2

Rio de Janeiro

“Eu não estou mais aceitando as coisas
que eu não posso mudar, estou mudando
as coisas que eu não posso aceitar”

ANGELA DAVIS

AGRADECIMENTOS

Preciso agradecer primeiramente a Deus, que sempre escreveu certo por linhas tortas. Por me cercar de pessoas que me querem tão bem. Esse TCC é fruto de um trabalho meu e de todos que, de muitas formas, me ajudaram a chegar até aqui.

Agradecer a minha avó **Leilani**, minha mãe do coração, pelo amor de uma vida toda dedicada a mim. Sem você eu não estaria aqui. Obrigada por estar do meu lado desde sempre me dando o seu melhor: carinho, educação, compreensão, generosidade e incentivo. Obrigada por me ouvir e acalmar sempre que estava prestes a explodir e também pelos cafezinhos que me mantiveram acordada por tantas noites para terminar esse projeto.

Ao **Enzo**, meu companheiro de todas as horas. Obrigada por todo amor, incentivo e compreensão, por ser o melhor amigo que eu poderia ter, por ser a pessoa que eu sei que posso contar a qualquer momento, e por estar comigo em tantas fases da minha vida, deixando-a melhor. Por todas as vezes que foi a luz no fim do túnel.

À minha família: avó **Madá**, meu pai **Renato**, tia **Lia**, tia **Milena**, tia **Sara**, **Carla** e **Rafael**, por todo suporte nesse ano tão louco de 2019! Sem vocês mantendo minha sanidade em dia para continuar no meu caminho, isso aqui não seria possível. Obrigada por acreditarem no meu potencial e por todo incentivo.

Aos amigos que CVD me deu e que estiveram comigo ao longo desses anos de curso: **Bianca**, **Clarissa**, **Giuliana**, **Ingrid**, **Larissa**, **Lucas**, **Phillip**, **Sarah** e **Yuki**. Obrigada por todas as risadas, momentos de desespero, dúvidas e aprendizados que nos tornaram tão próximos. **Alexander**, **Giovane** e **Marcello**, obrigada por não terem deixado “minha peteca cair” nunca, o incentivo de vocês nessa fase foi essencial para me manter de pé lutando por esse projeto.

À minha orientadora, **Nair**, pela honra que me foi concedida de ser sua orientanda. Obrigada por tantos conselhos e puxões de orelha que me instigaram e me impulsionaram a fazer um projeto com tanta personalidade. Obrigada por não desistir de mim, das minhas ideias e por me guiar por mais que as coisas estivessem difíceis.

Ao **Henrique**, meu coorientador querido, que me acalmou tantas vezes e me fez ver que eu era capaz de contar e ilustrar uma história autoral sem texto! Obrigada por embarcar nessa aventura tão em cima da hora, pelas conversas leves, pelas risadas, e pelo olhar experiente que tanto me ajudou a concretizar esse projeto.

À **Nathália**, por ser uma amiga de todas as horas e incentivadora sem limites. Obrigada por revisar essa monografia e não deixar eu abusar das vírgulas. Obrigada por acreditar no meu projeto desde quando ele ainda nem existia.

Ao **Nick**, meu cão e fiel escudeiro por me acompanhar nessa jornada, por sempre estar por perto e me chamar para brincar em momentos de extrema concentração. Obrigada por me lembrar de parar um pouco e respirar.

Ao **Hélio**, meu tio e pai do coração. Tenho certeza que daí do céu o senhor está me acompanhando e está todo orgulhoso de mim. Obrigada por sempre ter sido meu fã, tão participativo e amoroso cuidando de mim por tantos anos. Ainda vamos nos reencontrar.

Por último, mas não menos importante, à **Escola de Belas Artes**, que foi minha segunda casa nesses anos de graduação. Por ser um lugar no qual eu me senti acolhida, inspirada e feliz. Por ser um lugar que abriu minha mente, me tirou da zona de conforto e me mostrou que por mais que aconteçam coisas ruins, devemos resistir. Pelos **professores** e **amigos que conheci dentro e fora de lá**, que estarão para sempre em minha memória e em meu coração.

Muito obrigada!

RESUMO

Ao refletir sobre a separação de meninas e meninos através de um muro ideológico, a proposta de livro ilustrado juvenil é um meio de oferecer, através da interpretação só de imagens, um recorte sobre o preconceito que meninas ainda sofrem na sociedade por jogar futebol.

Os objetivos deste projeto visam a desconstrução de estereótipos de gênero introduzidos na infância. A apresentação da desconstrução destes se dá por meio da ilustração em uma história autoral, tratando a questão da desigualdade entre os gêneros feminino e masculino e a necessidade da libertação de um sistema de dominação.

Espera-se, desse modo, que as novas gerações estejam cada vez mais abertas a respeitar as escolhas, o espaço, os direitos e reivindicações das mulheres, e que as mesmas sejam livres para ser o que quiserem.

Palavras-chave: livro imagem, futebol feminino, preconceito, gênero.

ABSTRACT

When considering the separation of girls and boys by an ideological wall, the proposed illustrated juvenile book is a way to offer through solely image interpretation a picture about the prejudice girls suffer in society for playing football.

The objective of this project aims to deconstruct the gender stereotypes introduced during childhood. This deconstruction is presented through illustrations in an authorial story, exposing the inequality between the males and females and the needs of the emancipation of a domination system.

That being said, it's hoped that the new generations will be more and more opened to respect the women's choices, as well as their space, rights and revindications and that they become free to be whatever they want.

Keywords: image book, female football, prejudice, genre.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

I. CONSTRUÇÕES SOCIAIS

I.1 GÊNERO

I.1.1 TIPOS DE GÊNERO

I.2 PATRIARCADO

I.2.1 SEXISMO

I.2.2 MACHISMO

I.3 FEMINISMO

I.3.1 BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO

I.4 ALGUMAS CONQUISTAS

2. FUTEBOL FEMININO

2.1 ORIGEM DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

2.2 A SELEÇÃO BRASILEIRA COMO INSPIRAÇÃO

3. LIVRO ILUSTRADO

3.1 OS PRIMÓRDIOS DA ILUSTRAÇÃO

3.2 O SURGIMENTO DO LIVRO ILUSTRADO

3.3 LIVRO IMAGEM

3.4 JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO PÚBLICO

4. DESENVOLVIMENTO

4.1 MOTIVAÇÃO

4.2 ROTEIRO

4.3 STORYBOARD

4.4 REFERÊNCIAS GRÁFICAS

4.5 ESTUDOS

4.6 PERSONAGENS E CENÁRIOS

4.7 PALETA

4.8 EVOLUÇÃO

5. PROJETO GRÁFICO

5.1 FORMATO

5.2 TIPOGRAFIA

5.3 TÍTULO

5.4 CAPA

6. PROJETO FINALIZADO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, as mulheres vêm desempenhando papéis pré-estabelecidos na sociedade: As construções sociais dizem que as mulheres devem ser mães, esposas, cuidadoras da casa. Foram criadas para serem “belas, recatadas, do lar” e submissas às vontades do homem. A sociedade, por ser sexista, sempre limitou a mulher nos campos intelectual, político, científico, religioso e estabelece, até hoje, regras baseadas no gênero.

O termo gênero é utilizado para assinalar as características socialmente construídas, que constituem a definição do masculino e do feminino em diferentes culturas (Organización Panamericana de la Salud, 1993)

Apesar disso, não faltam exemplos de mulheres que se voltaram contra esse sistema de opressão que souberam defender seus lugares na sociedade para além do que lhes era determinado. Exemplos como [Marielle Franco](#), [Marie Curie](#), [Jane Austen](#), [Nina Simone](#), [Malala Yousafzai](#), [Carolina de Jesus](#), [Marta Dandara](#), entre tantas outras, são inspirações para aquelas que não se encaixam em padrões tão delimitadores.



Marielle Franco
(1979 - 2018)
Carioca, socióloga,
política e defensora
dos direitos humanos.
Denunciava abusos
de autoridades contra
moradores carentes.



Clarice Lispector
(1920 - 1977)
Escritora e jornalista
ucraniana naturalizada
brasileira considerada
uma das escritoras
brasileiras mais
importantes do
século XX.



Nettie Stevens
(1861 - 1912)
Bióloga e geneticista
que descobriu
os cromossomos
sexuais. O par de
cromossomos que
ela estudou ficariam
conhecidos como X
para o feminino e Y
para o masculino.

Marie Curie
(1867 - 1934)
Cientista polonesa
pioneira nos estudos
sobre radioatividade.
Primeira mulher
a ser admitida
como professora na
Universidade de Paris.





Carolina de Jesus
(1914 - 1977)
A escritora brasileira foi uma das primeiras escritoras negras do país. Periférica, sustentou três filhos sozinha como catadora de papéis.



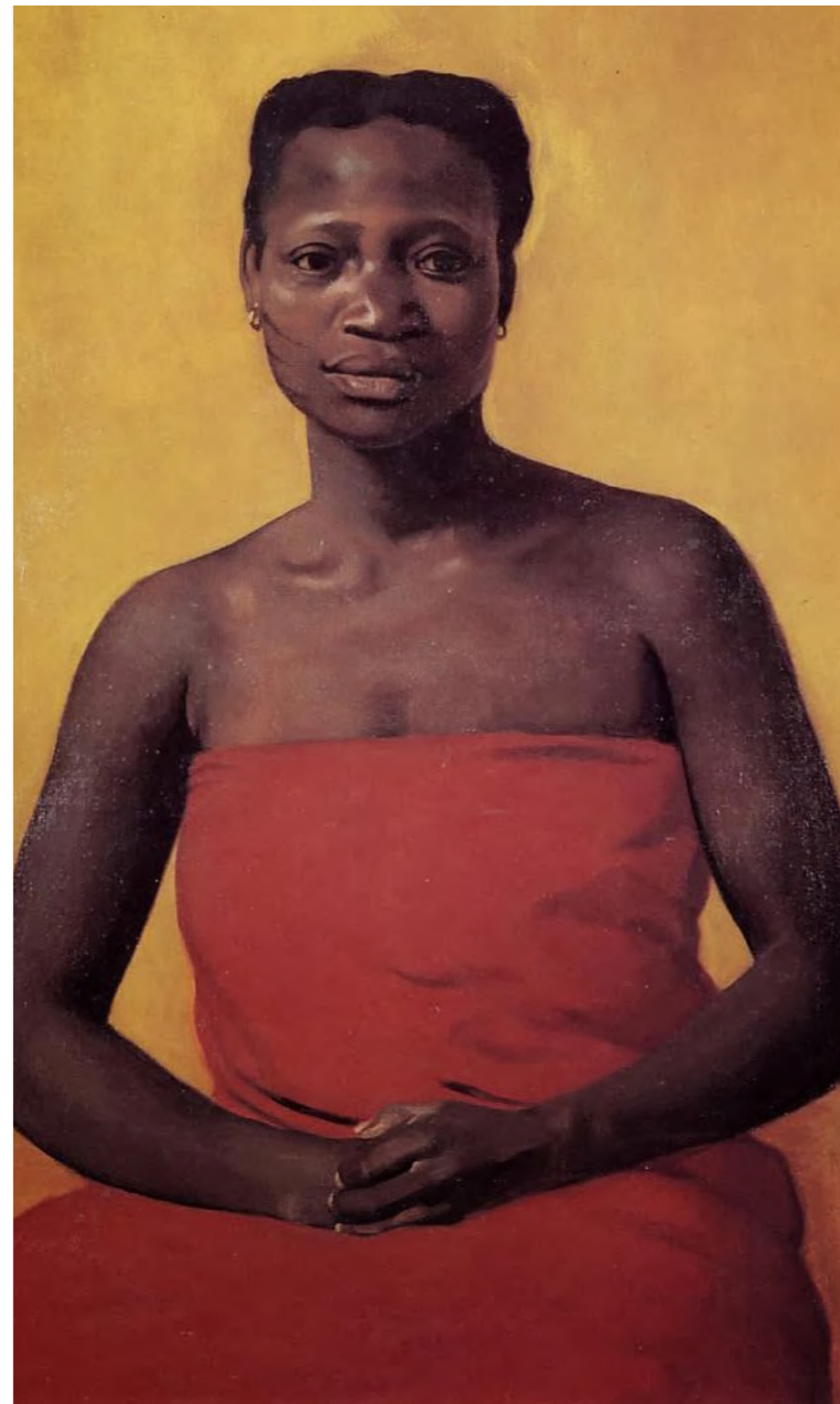
Marta Vieira da Silva
(1986)
Já foi escolhida como a melhor jogadora de futebol do mundo por seis vezes, sendo cinco de forma consecutiva. Um recorde entre mulheres e homens. Com 118 gols, é a maior artilheira da história da Seleção Brasileira (feminina e masculina).



Maria da Penha Maia Fernandes (1945)
Tem uma lei sancionada em seu nome: a Lei Maria da Penha, importante ferramenta legislativa no combate à violência doméstica e familiar contra mulheres no Brasil.



Jane Austen
(1775 - 1817)
Escritora inglesa que faz das heroínas de seus livros mulheres livres e pensantes para a época. Advoga em suas obras por uma educação liberal para a mulher.



Teresa de Benguela
(século XVII)
Mulher, negra, assumiu a liderança do Quilombo de Quaritê com mais de cem pessoas, após o assassinato de seu companheiro, José Piolho.



Malala Yousafzai
(1997) Ativista pelos direitos humanos, dos direitos da mulher à educação e vencedora do Nobel da Paz em 2017. Malala, paquistanesa, levou três tiros de um talibã a caminho da escola.

Em trecho retirado de seu discurso na ONU, Malala diz:

"(...) O sábio ditado que diz “A caneta é mais poderosa que a espada” é verdadeiro. Os extremistas têm medo dos livros e das canetas. **O poder da educação os assusta e eles têm medo das mulheres. O poder da voz das mulheres os apavora.** É por isto que eles mataram 14 estudantes inocentes no recente ataque em Quetta. E é por isto que eles matam professoras. É por isto que eles atacam escolas todos os dias: porque tiveram e têm medo da mudança, da igualdade que vamos trazer para a nossa sociedade. (...) Hoje eu estou focando nos direitos das mulheres e na educação das meninas porque elas são as que mais sofrem. **Houve um tempo em que as ativistas mulheres pediam aos homens para defender seus direitos. Mas desta vez, nós vamos fazer isto por conta própria.** Eu não estou dizendo para os homens não falarem mais dos direitos das mulheres, mas estou focando na ideia das mulheres serem independentes e lutarem por si mesmas."

Já em em “Mulheres Cansadas”, conto publicado em 1960, Clarice Lispector cita Simone de Beauvoir:

"Estou convencida de que a grande maioria dos males e doenças que afligem as mulheres têm causas psíquicas. E por causa da tensão moral de que falei, por causa de todas as tarefas que elas assumem, das contradições, do ambiente no qual se debatem, que as mulheres estão constantemente cansadas, até o limite das forças. Isso não significa que seus males sejam imaginários: eles são reais e devorantes como a situação que exprimem. Mas a situação não depende do corpo, é este que depende dela. Assim, a saúde não prejudicará o trabalho da mulher quando esta tiver na sociedade o lugar de que precisa. Pelo contrário, o trabalho a ajudará poderosamente a obter um equilíbrio físico, não lhe permitindo que se preocupe com este sem cessar.

Quem diz isso? Uma das mulheres que mais estudaram os problemas de outras mulheres: Simone de Beauvoir.

Você concorda?"

Após 59 anos, o conto continua contemporâneo e mostra a necessidade de expor os problemas infiltrados na sociedade. *Na luta pela garantia de direitos iguais, surgiu o movimento feminista, que foi crescendo, evoluindo e se adaptando às necessidades das mulheres, uma vez que as diversas pautas ampliaram a visão sobre as desigualdades de gênero.* O feminismo abriu caminhos para que as mulheres ganhassem mais espaço no mercado de trabalho, na política e na mídia. Embora a presença feminina ainda seja minoria nesses meios, há luta por representatividade e reconhecimento, uma vez que é o único movimento de mulheres lutando por elas mesmas e priorizando suas próprias pautas.

O feminismo é, segundo Méndez (2004), simultaneamente, uma teoria e um projeto político que busca por sua autonomia frente a outras formas de pensamento e espaços de atuação, reivindicando um lugar próprio para sua elaboração teórica.

"Algumas pessoas me perguntam: "Por que usar a palavra 'feminista'? Por que não dizer que você acredita nos direitos humanos, ou algo parecido?" Porque seria desonesto. O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral – mas escolher uma expressão vaga como "direitos humanos" é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos. Seria negar que a questão de gênero tem como alvo as mulheres. Que o problema não é ser humano, mas especificamente um ser humano do sexo feminino. Por séculos, os seres humanos eram divididos em dois grupos, um dos quais oprimia o outro. É no mínimo justo que a solução para esse problema esteja no reconhecimento desse fato."

(ADICHIE, 2015)

I. construções sociais

I.I GÊNERO

Gênero é um conceito surgido aproximadamente nos anos 1950, quando o Dr. John Money, da Universidade John Hopkins, fez seu uso no estudo da redesignação sexual de pessoas intersexuais.

Os estudos de gênero surgiram por volta dos anos 80 e analisam não só as características biológicas dos seres humanos, mas também as expectativas acerca dos papéis de gênero, que são as imposições de comportamentos baseados no sexo de nascimento. *A convenção de que homens têm que trabalhar e mulheres cuidar da casa e dos filhos são regras da sociedade que não estão ligadas à uma questão biológica, mas comportamental.*

O Neoplatonismo foi uma corrente filosófica pós Platônica, que abordou questões filosóficas e religiosas como a crença em um só Deus.

De acordo com Laqueur (1996), a diferença entre os sexos surge nos séculos XVIII e XIX. Influenciado pelo Neoplatonismo, o Ocidente não concebia a sexualidade humana como algo binário e dividido entre masculino e feminino até o século XVIII. Portanto, o modelo de sexualidade era o *one-sex model* que, como a própria tradução já diz, é o modelo fundamentado na existência de um sexo único. Por cerca de, aproximadamente, vinte séculos esse padrão foi dominante no Ocidente.

Para Joan Scott (1995), o gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

A sociedade e o tempo em que se vive atribui sexo para o indivíduo e o sexo vêm atrelado a características temporais. Por exemplo, durante o século XVIII, na corte francesa, ser homem significava usar pó de arroz, peruca e batom. Ou seja, pessoas desempenham papéis de gênero e isso significa um processo de socialização, conceito que será discutido mais adiante.

I.I.I TIPOS DE GÊNERO

Este projeto é focado no gênero binário, ou seja, feminino e masculino. Entretanto, é importante destacar suas diversas denominações: O **cisgênero** se identifica com o sexo biológico, ou seja, com a genital que nasceu. Ao contrário do **transgênero** que, por sua vez, consiste na pessoa que não se identifica com o seu sexo biológico. Já o termo **não binário** é utilizado para designar pessoas que não se encaixam no sistema binário de gênero (masculino e feminino).

Por fim, os **intersexuais** são pessoas que não podem ser totalmente designadas como homem ou mulher por características biológicas, sejam cromossômicas ou genitais. Os intersexuais, por exemplo, já foram identificados como hermafroditas, termo que não é mais utilizado hoje em dia.

I.2 PATRIARCADO

Segundo o dicionário online: "Sociologia de tipo familiar caracterizado pela preponderância do pai sobre todos os demais membros da tribo."

O patriarcado é um agente de estrutura social que oprime gêneros e subalterniza pessoas em um lugar secundário e de servidão. É um dispositivo social que faz funcionar as relações entre homem e mulher além de pressionar pessoas que não são cisgênero, hétero, e branco. Simone de Beauvoir já usa esse termo em seu livro "O Segundo Sexo" comentado mais adiante.

Para Marcia Tiburi, jornalista feminista, o patriarcalismo critica as atitudes das mulheres sejam elas em nível ético, no trabalho e da família. Todo comportamento feminino será medido primeiramente no sentido sexual pois é um conceito formulado em um mundo onde mulheres servem aos homens.

Ao refletirmos sobre a história da população no mundo é possível analisar que essa estrutura está presente na sociedade desde que ela foi formada: *Nas relações de poder, principalmente, o homem ocupa o lugar de rei, papa, descobridor de novas terras, conquistador de povos, enquanto a mulher ocupa um papel secundário de cuidar desses homens: cuidar da casa, do preparo de alimento, da criação dos filhos e da aceitação da sua não importância na sociedade.*

É uma estrutura que diz desde os primórdios da humanidade, quando homens caçavam a comida e mulheres a preparavam para a refeição que, de algum modo, elas seriam dependentes do macho alfa.

I.2.I SEXISMO

De acordo com o Dicionário Online de Português, o substantivo masculino "sexismo" corresponde a uma atitude, discurso ou comportamento que se baseia no preconceito e na discriminação sexual: *a exaltação exagerada do masculino ou do feminino é, portanto, uma forma de sexismo.*

"Desde os primórdios a ordem masculina se inscreve nos corpos através de injunções e rituais de exclusão das mulheres. Os ritos de instituição do masculino efetivam-se através de operações de diferenciação: a separação do mundo materno. A virilização é a negação da parte feminina no masculino, sendo a circuncisão o coroamento da construção do masculino. Existe assim, um trabalho de desfeminização contrário ao trabalho exercido sobre as mulheres, onde o ensino das boas maneiras é carregado de uma ética, uma política, uma cosmologia."

(BARREIRA, 1999)

À princípio, o sexismo se assemelha ao machismo na questão de posicionar o homem como melhor e mais competente que uma mulher, porém o comportamento sexista vai além: não só determina à mulher uma posição inferior, mas também define quais costumes devem ser praticados e respeitados por cada sexo.

Machismo: Conjunto de ideias sexistas que exaltam o masculino e sua virilidade.

Mafalda: Femenino Singular (2019).
Tradução: "Claro... o mau é que a mulher em vez de desempenhar um papel, tem desempenhado um trapo na história da humanidade".



“Os indícios dessa construção naturalizada são evidentes em múltiplas dimensões da vida cotidiana onde emergem as tarefas de “feminização” do corpo da mulher, as vocações classificadas como tipicamente femininas (secretária, por exemplo), os espaços de poder atribuídos fundamentalmente aos homens e os valores incorporados nos gestos e atitudes da educação cotidiana. A ruptura com os esquemas construídos e sedimentados tem seu quinhão a saldar.”

(BARREIRA, 1999)

Ser sexista não é um privilégio masculino, uma vez que outros grupos também podem adotar esse posicionamento. A sociedade impõe, desde a infância, que meninas brinquem de boneca e meninos de carrinho. [Ter medo de que um menino se torne homossexual ao brincar de boneca, por exemplo, é um pensamento sexista.](#)

Outros casos se dão no regulamento do comportamento diferenciado de meninas: sentar de pernas fechadas, falar baixo, aprender afazeres domésticos, entre outros. Ou seja, [a construção ideológica pressupõe que afazeres, objetos e até mesmo profissões sejam separadas por gênero.](#)

Homens mantêm posição de opressor em diversos níveis da sociedade: Como chefes, maridos, pais, namorados, etc. Mulheres sofrem com os agentes do patriarcalismo em casa, no trabalho, em público e privado apenas por conta de seu sexo.

Distinguindo genericamente apenas por sexo e não por raça ou classe, constata-se que hábitos rotineiros são muito mais perigosos e limitadores para mulheres, já

que estas sofrem assédio nas ruas, transportes públicos e até em estabelecimentos que, teoricamente, deveriam protegê-las de situações degradantes e constrangedoras (como delegacias, escritórios, hospitais, etc.).

Pode-se dizer que algumas questões seculares ligadas ao comportamento feminino permanecem fixas na sociedade até hoje. É possível citar como exemplos: A exploração sexual, o mito de que ‘a prostituição é o trabalho mais antigo do mundo’, o fato de que as mulheres correspondem ao grupo mais prostituído do mundo, a pornografia e o quanto ela educa homens para a agressividade e mulheres para a passividade, a banalização da violência sexual, a culpabilização da vítima, a exploração do trabalho doméstico, entre outros.

O mito de que esses afazeres fazem parte da natureza da mulher, em oposição a outras atividades que seriam da natureza do homem, naturalizam o sexismo. **Tudo o que o homem está apto a fazer, a mulher também está**, e se não o fez historicamente é porque foi impedida — e se o homem não o fez, historicamente, é porque designou o trabalho a alguma mulher.

- **Cultura do estupro**

Atualmente muito tem se falado sobre a cultura do estupro, que consiste na **naturalização de casos de assédio e violência sexual contra mulheres**, e pode ser observada através de argumentos que culpam as vítimas (pelo modo de se vestir ou de agir) ou neutralizam o assédio, associando-o ao instinto masculino.

Em uma cultura do estupro, **meninas são inseridas em um meio social que apresenta ao seus corpos a ameaça de violência que varia de insinuações sexuais, toques sexuais e o próprio estupro**. Uma cultura do estupro tolera o terrorismo físico e

emocional e os apresenta como a regra. Nesse meio, homens e mulheres presumem que a violência sexual é um fato da vida, tão inevitável como a morte. Essa violência, entretanto, não é nem biológica nem divina. O inevitável é, na verdade, a expressão física de valores e de atitudes.

- **Feminicídio**

Pode-se afirmar que a cultura do estupro está diretamente relacionada ao feminicídio, nome dado ao **homicídio de uma mulher exclusivamente por ser mulher**, conduzidos por armas brancas. No Brasil, feminicídio é crime desde 2015 e **a média é de um caso a cada quatro horas e trinta e um minuto**. Na maioria dos casos, o agressor, quando declarado réu confesso, alega legítima defesa ou lapso de fúria.

O feminicídio na maioria dos casos envolve o companheiro da vítima. Estes alegam crime passional quando na verdade são homens possessivos que se sentem donos de suas companheiras. O relacionamento abusivo muitas vezes não é percebido por parentes próximos e isso acarreta na insegurança da mulher, que sofre ameaças e pressão psicológica para ficar ao lado daquele homem.

Isso ocorre porque, historicamente, mulheres têm seus corpos vistos como objetos sexuais. **A objetificação do corpo feminino e o culto de ideias de masculinidade auxilia na permanência da dominação masculina**. Embora no Brasil exista a Lei Maria da Penha, que mantêm a mulher protegida, na teoria, cada vez mais, vê-se na mídia casos de feminicídio praticamente todos os dias, pois as medidas protetivas para a segurança da mulher não são efetivas na prática do dia a dia.

86%

das brasileiras dizem já ter sofrido assédio em espaços urbanos segundo levantamento da ActionAid, em 2016.

79%

das mulheres ouvidas que vivem em cidades na Índia e

75%

no Reino Unido relataram ter sofrido assédio em público.

44.000

brasileiras foram assassinadas no país na última década

4.539

mulheres assassinadas em 2017 segundo dados mais recentes do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

2.346

Casos considerados feminicídio, segundo a Fiocruz (enforcamento, queimaduras, facada, arma de fogo, pauladas, entre outros)

157

é o número de pastoras batistas no Brasil, segundo a Convenção Batista Brasileira

30%

aproximadamente é a proporção de pastoras na igreja metodista

- **Religiões**

O sexismo é uma violência velada e enraizada na sociedade. Na maioria das religiões é proibido que meninas e mulheres ocupem cargos de liderança ministerial, por exemplo. Isto é, **o acesso ao divino é mediado exclusivamente por homens**. Essa é uma discriminação que geralmente não é contestada e permanece infiltrada em lugares de culto e suas práticas. A voz da mulher tem ganhado espaço aos poucos nesses lugares, mas mesmo assim, ainda não tem maioria nos templos.

Na Igreja católica, a categorização dos cargos importantes são divididas em diácono, padre, arcebispo e papa e são exclusivamente masculinas, uma tradição milenar. **“Sobre a ordenação das mulheres, a Igreja falou e disse: não! Esta porta está fechada” disse o papa Francisco** durante seu voo de volta ao Vaticano depois da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), no Rio de Janeiro, em 2013.

Outro exemplo se dá nos altares evangélicos. De acordo com reportagem da revista **ISTOÉ** atualizada pela última vez em Setembro de 2013, as mulheres vêm conquistando espaço nas Igrejas como pastoras mas ainda assim os números provam que são minorias, mesmo sendo vozes que atraem e conquistam fiéis.

- **Mídia**

Citando a ocupação de cargos em grandes lugares, um outro exemplo é a mídia tradicional que sempre cultivou hábitos que priorizam homens. Embora lentamente essa situação esteja mudando e tenha cada vez mais representatividade em novelas, filmes, programas e comerciais, gerações cresceram assistindo propagandas de bebida alcoólica, em que era preciso a imagem da mulher com poucas vestes associada ao produto.

Essa cultura de rebaixamento da figura feminina ainda é bastante visível nas questões de emprego, salário e reconhecimento profissional de cada sexo. Um exemplo muito discutido atualmente é o caso de atrizes que ganham salários muito menores do que parceiros de filmagem, mesmo estas exercendo papel de protagonistas. Diretoras e outros cargos ocupados por mulheres têm pouco ou baixo reconhecimento, vide premiações como Oscar e Globo de Ouro, que em suas nomeações têm poucos nomes femininos.



A atriz Nathalie Portman apresentando a categoria Diretor - Motion Picture no Globo de Ouro, em 2018. Tradução: “E aqui todos os homens nomeados”.

- **Mercado de trabalho**

A participação da mulher no mercado de trabalho significa que sua jornada de trabalho se tornou dupla ou às vezes tripla. As mulheres não se viram desobrigadas do casamento, pelo contrário, **a imagem de uma mulher perfeita era a que estivesse trabalhando fora de casa, cuidando das crianças e ainda satisfazendo sexualmente**

seu marido. As mulheres estão tão obrigadas ao trabalho doméstico hoje como estavam há 120 anos atrás. A romantização da maternidade hoje é tão presente quanto há 120 anos: a maternidade ainda é tida como o destino final de uma mulher.

\$ 0,77

centavos é o que a mulher recebe para cada dólar do homem pelo mesmo trabalho de acordo com estudo publicado pela OIT em 2016

R\$ 2.389

é a renda mensal bruta das brasileiras segundo os dados de 2015 da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)

- **Desigualdade de renda**

Segundo o IMF (Fundo Monetário Internacional),

"A desigualdade de gênero está diretamente ligada à desigualdade de renda, que por sua vez pode ameaçar a sustentabilidade do crescimento de um país. A desigualdade de renda aumenta quando as mulheres ganham menos do que os homens, e a menor taxa de participação feminina na força de trabalho resulta em desigualdade nos salários, nas pensões e na poupança. Eliminar essas diferenças entre os gêneros pode contribuir para uma distribuição global de renda mais igualitária."

De acordo com relatório do Fórum Econômico Mundial (WEF) que traçou um panorama da igualdade de gêneros em 149 países, menos mulheres do que homens têm entrada no mercado de trabalho. A participação na política e em cargos seniores em empresas é inferior à masculina. O Brasil ocupa a 129 posição na comparação de pagamentos a homens e mulheres, segundo o Índice Global de Desigualdade de Gênero 2016, publicado pelo WEF.

O órgão diz que "o abismo entre gêneros está em seu maior nível desde 2011". No Brasil, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), as mulheres, que geralmente sofrem com jornada tripla de trabalho (trabalho remunerado, atividades domésticas e cuidados com outras pessoas), ganham apenas dois terços (76%) do rendimento dos homens.

Arbache e De Negri (2002) afirmam que o mercado de trabalho brasileiro apresenta intensas desigualdades (...). O estabelecimento de papéis de gênero é um fator que determina a presença de poder nos meios institucionais. Ou seja, por definição já estabelecida da sociedade (e não por capacidade intelectual, engajamento ou qualquer outra característica que possa servir de diferencial), homens ocupam cargos que mulheres poderiam ocupar, apenas por serem homens.

- **Linguagem**

Outro exemplo de desigualdade de gênero - dessa vez, muito sutil - que não é comumente problematizado, são os termos pejorativos - em nossa linguagem - associados às mulheres, como no caso de "mulherzinha", usado para denominar, normalmente, um homem "fraco" de acordo com os padrões estabelecidos pelo meio. O contrário, por sua vez, já não é utilizado, uma vez que o termo "homenzinho" não tem o mesmo peso e não é julgado pela sociedade com tom pejorativo, mas sim, remete àquilo que o termo gramaticalmente significa: um homem pequeno, de baixa estatura.

Ainda pensando acerca da utilização linguística, é possível notar uma frequente infantilização de mulheres adultas, no instante em que são constantemente chamadas de "meninas", o que remete à concepção de dependência e inocência.

“Menina não, deputado! Deputada eleita!”

(FALA DE TALÍRIA PETRONE (PSOL), 18º DEPUTADA FEDERAL MAIS VOTADA DO RIO DE JANEIRO EM 2018, COM 107.317 VOTOS, DEPOIS DE REINHOLD JUNIOR (DEPUTADO DO PSD) A CHAMAR DE “MENINA”, NA CÂMARA.)

I.2.2 MACHISMO

O conceito de socialização, para Berger e Luckman, é um processo que vai desde o começo até o fim da vida. A socialização é a forma como a sociedade internaliza e absorve a realidade que está ao nosso redor. Ela gera comportamentos e entendimentos de mundo.

Para exemplificar, pode-se citar a socialização primária: Se a família de um bebê recém nascido é católica, o bebê será batizado, sendo socializado. Se o pai for um grande torcedor do Flamengo, essa criança crescerá, naturalmente seguindo o clube do pai. Esse tipo de socialização obviamente pode mudar com o passar do tempo.

A isso se dá o nome de socialização secundária, que é uma fase que vai até o final vida e começa geralmente na escola, onde tem-se pessoas diferentes para fazer essa socialização. Este, acaba sendo então, um tipo de aprendizado de comportamentos e legitimação desses comportamentos que podem ser absorvidos sem pensamento crítico.

A pessoas viram então, agentes disciplinados das estruturas de poder, sendo que essa estrutura é o patriarcado, que julga pelo gênero. Portanto, como a sociedade é machista, a socialização também é.

As meninas são socializadas a serem comportadas, a não falarem alto, nem falarem palavras de baixo calão, a serem delicadas e a se valorizarem a partir da ideia de que um dia serão aptas a se casarem com um homem que é socializado de outra forma. O homem é forte, mais duro, tem que se impor, é o chefe de família, a criança que brincou de carrinho e luta.

Essa socialização machista afeta homens e mulheres ensinando padrões do que é ser feminino e masculino de acordo com o patriarcado. A masculinidade se apropria enquanto a feminilidade é explorada na base. Como consequência, tem-se homens machistas e mulheres que aceitam o machismo, sem necessariamente se beneficiarem disto.

Stevens (1973) designa machismo como “o culto à virilidade,” e adiciona que “as características principais desse culto são agressividade exagerada, intransigência nos relacionamentos interpessoais entre homens e arrogância e agressividade sexual nos relacionamentos entre homens e mulheres.”

Por mais que não dê para generalizar e até é possível reconhecer que alguns homens tentam não ser machistas, isso não exclui o fato deles não serem colocados como objeto de opressão do patriarcado. Porém, como a estrutura desigual de poder entre os gêneros ainda existe, e fazendo parte dela, significa que todo homem está sujeito a ser assim e beneficiário de vários privilégios apenas por ser homem.

I.3 FEMINISMO

Segundo o Dicionário Online de Português, o substantivo masculino “feminismo” vem do francês *féminisme* e corresponde à uma doutrina cujos preceitos indicam e defendem a igualdade de direitos entre mulheres e homens em todos os aspectos (social, político, econômico). Ao contrário do que possa parecer, feminismo não é o contrário de machismo.

Existem diversas interpretações sobre o que é o feminismo. A ideia de ter um único movimento completo que abrange todos os grupos é um grande equívoco, pois existem diferentes tipos de opressões vividas por mulheres na sociedade. Assim, o foco principal do movimento é a independência da mulher e a sua emancipação de conceitos predefinidos. Entretanto, essa não é uma questão de apenas um grupo, a luta é bastante ampla e, por isso, existem várias vertentes do feminismo, que será abordado mais adiante.

A sociedade, que sempre inferiorizou a mulher, se construiu fundamentada no patriarcalismo, uma estrutura social que perpetua e faz das mulheres o sexo frágil. Essa estrutura conta com agentes como machismo, misoginia e sexismo para seu total funcionamento. O patriarcado atua com definições de virilidade e feminilidade, e coloca as mulheres em uma classe inferior ao homem, além de utilizar-se também do racismo, homofobia, transfobia e capitalismo.

Essas classes são excluídas até mesmo dentro do próprio movimento, pela própria sociedade, que moldou as pessoas para reproduzirem estereótipos e preconceitos. Isto é, por poder exercer papel de patriarca, mulheres podem oprimir outras mulheres, crianças e adolescentes. De acordo com Butler (2003), “a crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca emancipação”.

Portanto, quando se fala que o feminismo é uma luta do empoderamento das mulheres, é importante se questionar que tipo de mulher está sendo discutido (cis, trans, negra, branca, pobre, rica, indígena, nordestina, etc.), de que maneira ele se constrói, e se é inclusivo, porque [existem mulheres que possuem identidades diferentes](#).

I.3.I BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO

Contextualizando em um cenário América/Europa, o feminismo surgiu como um movimento político sobre os direitos das mulheres. [O movimento teve início no final do século XIX, com manifestações de mulheres inspiradas nos conceitos iluministas de igualdade e liberdade defendidos por pensadores como Jean-Jacques Rousseau, Jeremy Bentham e Jhon Locke](#). As mulheres reivindicavam seus direitos de participação na sociedade não apenas como uma questão de valorização ou de não objetificação, mas de assumir papel de cidadã.

- **Primeira onda**

Estima-se que a chamada primeira onda do feminismo tenha surgido em 1897, na Inglaterra, quando mulheres se organizaram para reivindicar seus direitos - o primeiro, do voto. Essas mulheres ficaram conhecidas como Suffragettes e promoviam grandes manifestações e greves operárias. O movimento sufragista tem suas origens na urbanização e na industrialização do século XIX e questionavam acerca da imposição dos papéis submissos e da passividade feminina.

As Suffragettes eram subordinadas aos seus maridos ou pais mas não eram sua propriedade institucional e jurídica como as mulheres negras estadunidenses. E, assim sendo, mulheres negras sempre analisaram sua condição de mulheres na ótica do racismo e lutaram não só por direitos políticos mas principalmente pela abolição da escravatura.



No final do século XIX e início do século XX, mulheres começaram a protestar por seus direitos.

Uma observação importante é que desde a primeira onda, o movimento já era dividido internamente pois as mulheres brancas estadunidenses reagiram contra esse movimento abolicionista alegando que a liberdade dos homens negros seria uma perda de direitos para elas. Algumas até faziam parte de grupos como KKK (Ku Klux Klan) Então, enquanto lutavam por seus direitos, lutavam também contra o direito da liberdade dos outros.

No Brasil, em 1910, as Suffragettes brasileiras foram lideradas por Bertha Maria Júlia Lutz, bióloga e cientista que iniciou a luta pelo voto. Uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, - instituição que defendia os direitos das mulheres - levou em 1927 um abaixo-assinado ao Senado pedindo aprovação do Projeto de Lei de autoria do Senador Juvenal Lamartine, que dava direito de voto às mulheres. O direito foi conquistado em 1932 quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro.

É válido considerar, ainda sobre a primeira onda do feminismo no Brasil, o movimento das operárias de ideologia anarquista, reunidas na “União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas”. “Se refletirdes um momento vereis quão dolorida é a situação da mulher nas fábricas, nas oficinas, constantemente, amesquinhas por seres repelentes” dizia o manifesto de 1917.

A retórica predominante da primeira onda é o liberalismo e o universalismo. Somado às ideias liberais, também havia mulheres incorporando a questão feminina às ideias e teorias socialistas/marxistas. A grande diferença dessas mulheres para as outras de seu momento histórico se dá na análise que leva em consideração a classe social. Portanto, o foco das feministas marxistas era em torno das mulheres operárias.



Bertha Lutz em evento
com o presidente
Getúlio Vargas

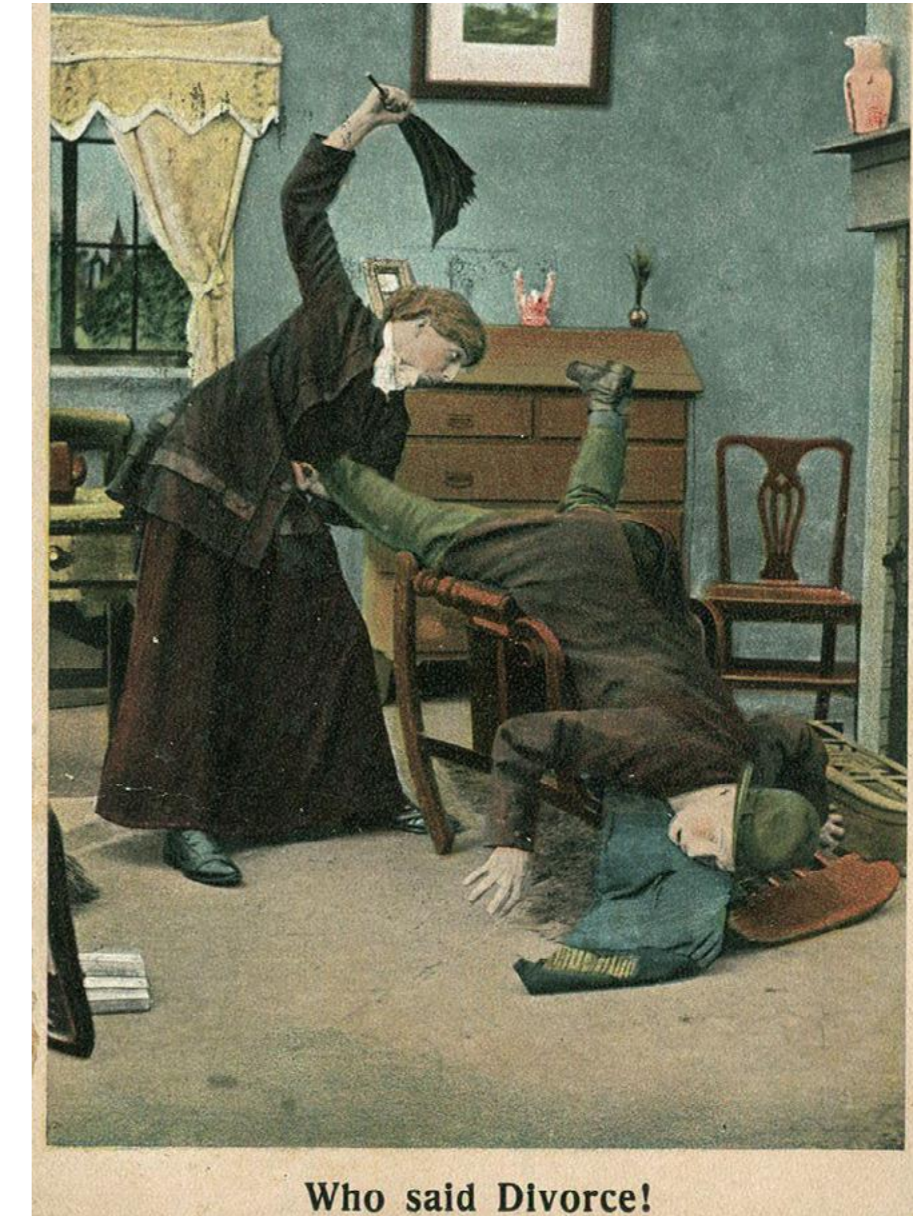
I. CONSTRUÇÕES SOCIAIS

Anúncios dos anos 20 que mostram as sufragistas como uma ameaça aos valores familiares.

1 - "Isso não é trabalho de homem"

2 - "Eu quero votar mas minha esposa não me deixa"

3 - "Quem disse divórcio!"





Mulheres protestando por direitos como igualdade, legalização do aborto e liberdade das mulheres envolvidas na guerra do Vietnã.

- Segunda onda

Este feminismo inicial, tanto na Europa e nos Estados Unidos como no Brasil, perdeu força a partir da década de 30 e aparecerá novamente, com importância, com a segunda onda feminista, onde o movimento tem sua retomada no início da metade dos anos 50 até meados dos anos 90, tendo as décadas de 60 e 70 como mais ativas.

No decorrer desses trinta anos de diferença, [um livro marcará as mulheres e será fundamental para essa nova onda do feminismo: O segundo sexo, de Simone de Beauvoir, publicado pela primeira vez em 1949](#), que estabelece uma das máximas do movimento: “não se nasce mulher, se torna mulher”.

Os anos 60 foram muito importantes pois é possível perceber que o discurso feminista atinge um tom mais sofisticado das reflexões e teorizações. Isso pode ser associado às mudanças comportamentais do mundo Ocidental: Nos Estados Unidos surgia o movimento hippie, que contestava os valores morais tradicionais e tinha como lema “paz e amor”.

Na Europa, o “Maio de 68” levou estudantes parisienses a ocupar a Sorbonne, questionando a ordem acadêmica que perdurava por séculos. O lançamento da pílula anticoncepcional, primeiro nos Estados Unidos e depois na Alemanha, indicava sinais de que a sociedade caminhava para novos rumos, em que a mulher além de ter mais participação, poderia também tomar decisões sobre seu próprio corpo.

Em termos de teoria, as feministas de segunda onda buscaram identificar a origem da condição feminina — por que são oprimidas, e o que todas as mulheres do mundo têm em comum que justifique estarem todas, coletivamente, em situação pior do que a dos homens, de forma geral. Assim, as feministas de segunda onda foram as primeiras a apontar que, apesar de todas as diferenças entre todas as mulheres do mundo, ainda há algo em comum: a opressão com base no sexo.

Por conta dessa visão, o movimento nessa época ficou conhecido como **feminismo radical** pelo pioneirismo na crítica à pornografia, e à prostituição. A exploração da mulher via maternidade e casamento, e o uso do estupro e da violência sexual enquanto ferramenta de manutenção do poder masculino também eram pautas levantadas no movimento. Assim sendo, tem-se o grande nome de Angela Davis explorando não só essas questões, mas também as variáveis de raça e classe relacionada ao gênero.

Entretanto, a maioria das autoras e das militantes feministas radicais ainda eram brancas (e acadêmicas — isto é, de classes mais altas), o que resultava em reflexões para outros grupos de mulheres, que reivindicavam que pautas específicas de suas identidades também fossem contempladas. Assim sendo, **lésbicas, mulheres da classe trabalhadora, e, principalmente, negras, deram início a análises identitárias dentro do movimento**. Essas mulheres compreendiam as diferenças existentes entre elas (de classe, raça e sexualidade).

É nessa conjuntura que o **feminismo negro cresce enquanto movimento independente; pois, ao mesmo tempo em que as feministas negras se baseavam em análises históricas para explicar sua opressão, também se fortalecia a busca pela ancestralidade** — para fins de consolidação da própria identidade negra, e, mais especificamente, da mulher negra.

No Brasil, em 1960, o cenário era diferente da América e da Europa. Contextualizando, o país, no início da década de 1960 teve grandes momentos: a música revolucionava-se com a Bossa Nova, Jânio Quadros renunciava como presidente e chegava ao poder Jango, aceitando o parlamentarismo.

O ano de 1963 foi marcado pelas radicalizações: de um lado, a esquerda partidária, os estudantes e o próprio governo. De outro, os militares e o governo norte-americano. Em 1964, o Brasil sofre o golpe militar, que a princípio foi brando, mas foi se revelando um governo extremamente autoritário com o seu auge em 1968, que por meio do Ato Institucional n. 5 (AI-5), dava ao presidente da República os poderes da ditadura.



Em 1968, as atrizes Eva Todor, Tônia Carreiro, Eva Wilma, Leila Diniz, Odete Lara, Cacilda Becker e Norma Bengell, marcharam contra a censura do governo em plena ditadura militar.

À vista disso, enquanto na Europa e nos Estados Unidos o momento era muito propício para o surgimento de movimentos libertários de pessoas que inclusive lutavam por causas identitárias, no Brasil vivia-se um momento de repreensão e censura. Foi nesse clima hostil que aconteceram as primeiras manifestações feministas da época, na década de 70. O governo militar via com muita desconfiança qualquer manifestação feminista, por entendê-las como política e moralmente perigosas.

Nessa época existia um semanário, O Pasquim que era uma publicação que falava sobre assuntos "polêmicos" de forma irônica e satírica. Era considerado um jornal de oposição ao regime militar e, embora fosse considerado avançado em vários temas, sempre usou tom machista e sexista em relação à figura feminina, ridicularizando e reforçando estereótipos sobre as feministas.



A feminista Betty Friedan foi capa do jornal em 1971.



Outras capas d'O Pasquim onde é possível notar como o corpo da mulher é objetificado.



Embora existam todas essas capas que provam o conservadorismo da sociedade patriarcal em relação à mulher e como seu corpo era tratado, em Novembro de 1969, a atriz Leila Diniz foi capa do semanário e sua entrevista foi um marco para o jornal.

Leila ficou famosa por ser fotografada grávida e de biquini na praia de Ipanema, no Rio de Janeiro. Sua posição em relação a temas "polêmicos" sempre foi à frente de seu tempo. Suas declarações no semanário fizeram grande sucesso, pois levantava a bandeira feminista e falava de sexo abertamente. Cada trecho de sua entrevista continha um asterisco, para substituir os palavrões falados pela moça. A entrevista foi tão revolucionária que [os militares criaram a lei da imprensa, também chamado de "Decreto Leila Diniz", que consistia na censura prévia à imprensa no Brasil.](#)

Em 1975, a ONU (Organização das Nações Unidas) declarou, na I Conferência Internacional da Mulher, que os próximos dez anos seriam a década da mulher. Aconteceu, naquele ano no Brasil, uma semana de debates intitulado “O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira”, com o patrocínio do Centro de Informações da ONU.

[A distinção entre sexo e gênero começa a ser debatida e conceituada, dando origem a novas discussões sobre identidade, papéis de gênero, e orientação sexual.](#) Além disso, a segunda onda trouxe à tona a discussão teórica sobre a opressão das estruturas sociais, interligando raça, gênero, etnia e classe social às relações de poder e às instituições.

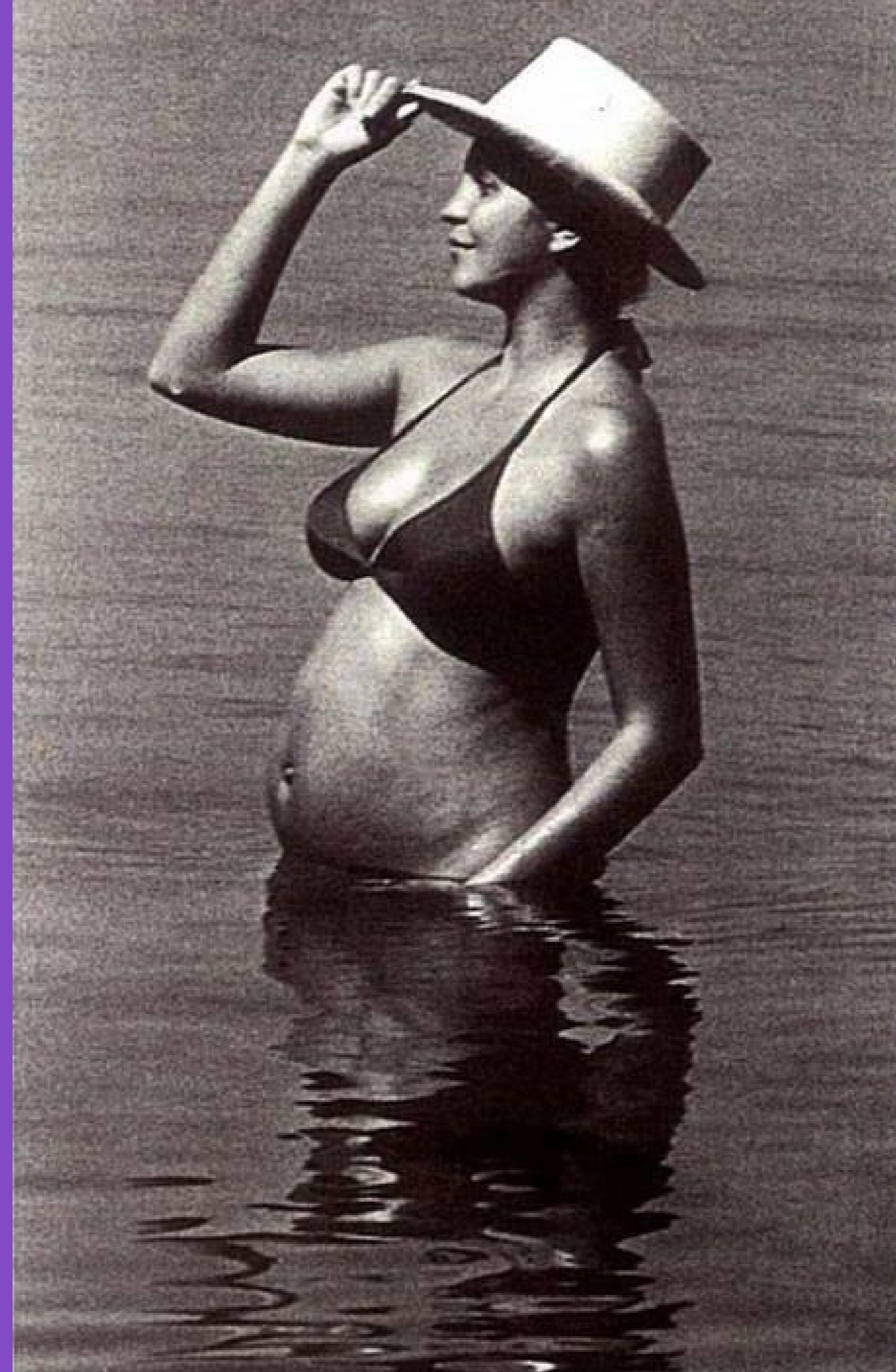
Enquanto as brasileiras organizaram as primeiras manifestações no país, as exiladas pela ditadura, principalmente em Paris, entravam em contato com o feminismo europeu e se reuniam, apesar da oposição de homens e companheiros que achavam que o movimento não tinha relação com o fim da ditadura.

“Ninguém melhor que o oprimido está habilitado a lutar contra a sua opressão. Somente nós mulheres organizadas autonomamente podemos estar na vanguarda dessa luta, levantando nossas reivindicações e problemas específicos.”

PINTO, 2003



Leila como capa d'O Pasquim, onde deu a entrevista que impulsionou os militares a criarem a Lei da Imprensa.



Leila Diniz divergindo da sociedade conservadora da época ao ser fotografada grávida e de biquini na praia de Ipanema, Rio de Janeiro.

- **Terceira onda**

A terceira onda do feminismo é marcada pelas mudanças ocidentais históricas dos anos 90: o fim da União Soviética, a queda do muro de Berlim, a dissolução das ditaduras da América Latina, o surgimento do neoliberalismo e o hiperconsumismo se espalharam com força pelo mundo. Junto a isso, o imperialismo cultural estadunidense foi crescendo ainda mais assim como as evoluções tecnológicas. [A internet trouxe uma revolução na comunicação e ajudou a disseminar os ideais feministas.](#)

[O tema principal agora é a presença da mulher na cultura e entretenimento, sem deixar de lado os assuntos levantados na segunda onda — gênero e sexualidade.](#) Desse modo, as mulheres utilizavam os meios de comunicação para abordar temas como estupro, empoderamento feminino e patriarcado.

[O grande foco da terceira onda foi a apropriação de termos pejorativos contra mulheres. O maior exemplo é a palavra “vadia”. A terceira onda entende que “vadia” e seus sinônimos são utilizados pelos homens como forma de repreensão das mulheres que vivem como querem \(inclusive sexualmente\); e assim surge a tentativa de se ressignificar a palavra “vadia”, retirando a conotação negativa.](#)

[Associa-se à terceira onda o surgimento de movimentos punk femininos, cuja ideologia girava em torno do “faça você mesmo” \(*do it yourself*\).](#)

As garotas punk que lançaram o termo *riot grrrl* (garota rebelde, em tradução livre) introduziram a confecção e a estética dos zines ao feminismo. Esses zines tratavam de assuntos como estupro, o patriarcado, a sexualidade, e o empoderamento feminino.

Em 1989, o conceito de interseccionalidade foi introduzido no movimento e essa era uma ferramenta para que mulheres atingidas por vários tipos diferentes de opressão (raça, classe, sexualidade) pudessem analisar sua condição.

No final da segunda onda, o feminismo identitário começou a se fortalecer e, agora, as feministas da terceira onda continuariam a desenvolver uma forma de universalizar o conceito de mulher e reconhecer suas diferentes identidades e experiências. Havia uma preocupação com atos, palavras ou conceitos excludentes.

[Ao contrário de suas precursoras que lutavam para quebrar estereótipos associados à mulher, as feministas de terceira onda se apropriaram desses estereótipos, de condutas e de símbolos de feminilidade. Isto é, elas pegaram os sutiãs, os batons e os saltos que suas precursoras haviam abandonado e os colocaram de volta, em defesa da liberdade individual de cada mulher.](#)

A liberdade de escolha de cada mulher passou a ser defendida com a luta contra a pornografia e contra a prostituição — típica da segunda onda — sendo silenciada, quando não censurada. A prostituição e a pornografia, saíram do campo da violência para serem estudadas no espectro da sexualidade, enquanto possibilidades de libertação.

É no auge da terceira onda que Judith Butler desenvolve sua tese "Problemas de gênero" (1990). Sua teoria de gênero enquanto performance/performatividade (que rompe o paradigma da divisão entre natural e social, sexo e gênero), lançam as sementes para a teoria *queer* que se desenvolveria mais profundamente ao longo da década de 1990.



A Marcha das Vadias é uma manifestação que protesta pelo direito das mulheres de se comportarem da forma que quiserem. Começou em 2011, no Canadá, e desde então se internacionalizou.



Zine: "Se seu feminismo não é gordo-positivo, antirracista, transinclusivo, pró-escolha, anticapacitista e contra o classismo, então por quem ele luta?"

WHAT IS RIOT GRRRL?

riot grrrl is...

BECAUSE we will never meet the hierarchical BOY standards of talented, or cool, or smart. They are created to keep us out, and if we ever meet them they will change, or we will become tokens.

BECAUSE I need laughter and I need girl love. We need to build lines of communication so we can be more open and accessible to each other.

BECAUSE we are being divided by our labels and philosophies, and we need to accept and support each other as girls; acknowledging our different approaches to life and accepting all of them as valid.

BECAUSE in every form of media I see us/myself slapped, decapitated, laughed at, objectified, raped, trivialized, pushed, ignored, stereotyped, kicked, scorned, molested, silenced, invalidated, knifed, shot, choiced, and killed

BECAUSE I see the connectedness of all forms of oppression and I believe we need to fight them with this awareness...

BECAUSE a safe space needs to be created for girls where we can open our eyes and reach out to each other without being threatened by this sexist society and our day to day bullshit.

BECAUSE we need to acknowledge that our blood is being spilt; that right now a girl is being raped or battered and it might be me or you or your mom or the girl you sat next to on the bus last Tuesday, and she might be dead by the time you finish reading this. I am not making this up.

BECAUSE I can't smile when my girlfriends are dying inside. We are dying inside and we never even touch each other; we are supposed to hate each other.

BECAUSE I am still fucked up, I am still dealing with internalized racism, sexism, classism, homophobia, etc., and I don't want to do it alone.

BECAUSE we need to talk to each other. Communication/inclusion is key. We will never know if we don't break the code of silence.

BECAUSE we girls want to create mediums that speak to US. We are tired of boy band after boy band, boy zine after boy zine, boy punk after boy punk after boy.

BECAUSE I am tired of these things happening to me; I'm not a fuck toy. I'm not a punching bag, I'm not a joke.

BECAUSE every time we pick up a pen, or an instrument, or get anything done, we are creating the revolution. We ARE the revolution

No we are not paranoid.
 No we are not manhaters.
 No we are not worrying too much.
 No we are not taking it too seriously.

start a ♥ Fuckin ♥ **HELP ME!** ♥ riot

OUR ZINE IS 1\$ + 2 us stamps (please no checks)

P.O. BOX 11002 WASHINGTON, D.C. 20008

FOR MORE info: send 1\$ to

Flyer da Banda Bikini Kill, pioneiras no estilo riot grrrl

I.4 ALGUMAS CONQUISTAS

A luta feminista é tão abrangente que dentro de seu próprio movimento consegue não só dar visibilidade para suas próprias pautas mas também para discussões de outros grupos.

- Lei Maria da Penha

A Lei Maria da Penha (Lei 11.340/06) entrou em vigor no dia 22 de Setembro de 2006 e é uma homenagem à Maria da Penha Maia, que foi agredida pelo marido até se tornar paraplégica, após sofrer atentado com arma de fogo, em 1983.

De acordo com o Agência Senado (último acesso em 2019), “A lei altera o código penal e possibilita que agressores de mulheres no âmbito doméstico e familiar sejam presos em flagrante ou tenham prisão preventiva decretada”.

- Cotas na política

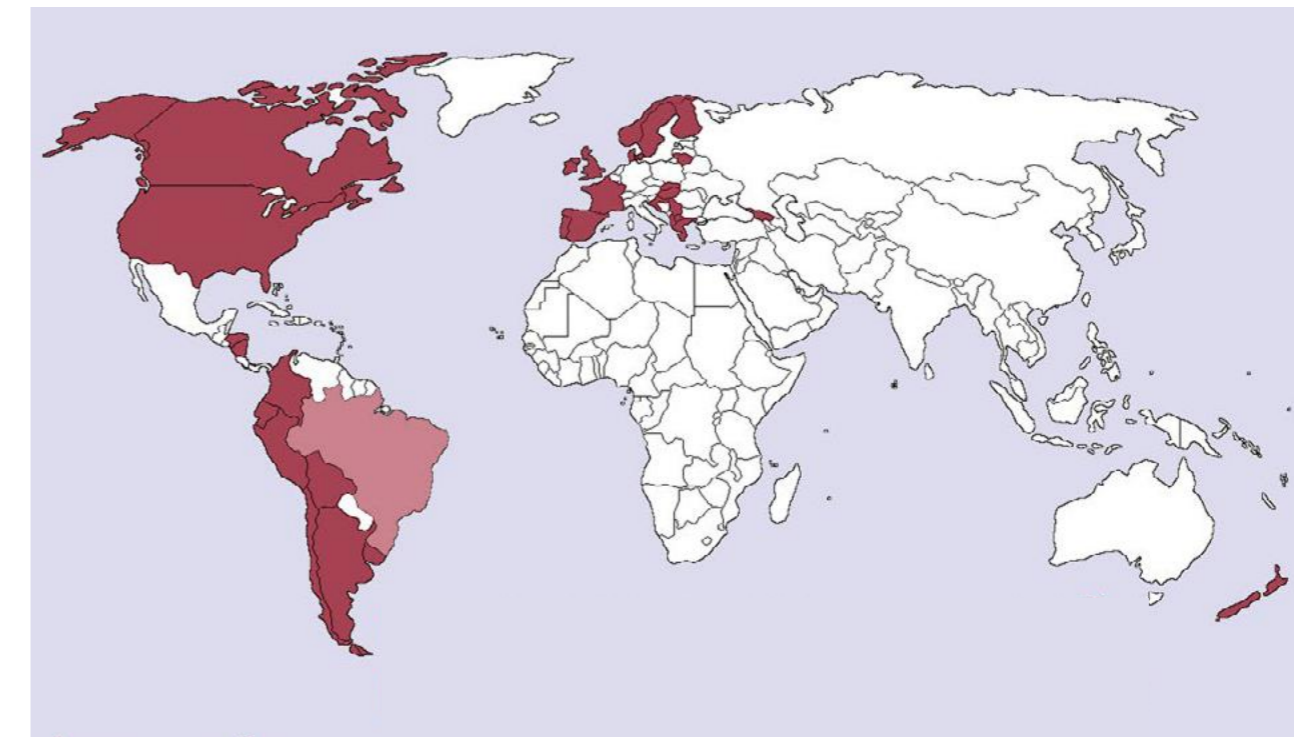
Em 1997 foi sancionada a Lei 9.504, que garante a reserva de no mínimo 30% de mulheres candidatas durante as eleições. Já em 2009, a Lei 12.034 especificou que os partidos devem ter, no mínimo 30% de no máximo 70% de candidatos de cada sexo.

- Eleição da primeira mulher presidente do Brasil

Em 2011, 122 anos após a instauração do sistema republicano no Brasil e 26 anos após o fim da última ditadura, Dilma Rousseff foi eleita no primeiro turno das eleições. Com mais de 47 milhões de votos, se tornou a mulher mais votada das Américas até então.

- Criminalização da homofobia no Brasil

No Brasil, desde 13 de Junho de 2019, homofobia é considerado crime equiparando as penas por ofensas a homossexuais e a transexuais às previstas na lei contra o racismo. O racismo é um crime inafiançável e imprescritível segundo o texto constitucional e pode ser punido com um a cinco anos de prisão e, em alguns casos, multa.



Homofobia e transfobia são agravantes de crime de ódio em 43 países
Fonte: Folha de São Paulo

Países em que a homofobia é crime

- **Marcha das Margaridas**

O movimento nasceu durante as primeiras articulações da Marcha Mundial das Mulheres (MMM), autodefinida como “feminista e anticapitalista”, em 2000, numa campanha contra a pobreza e a violência sexista. Já tiveram edições em 2003, 2007, 2011, 2015 e 2019.



Marcha das Margaridas na Esplanada dos Ministérios, em 2015

- Espaço nas mídias digitais

Na busca por criarem um espaço onde a voz feminina seja ouvida, as mulheres têm enfrentado o medo da exposição e da culpa para expor homens que tenham comportamentos sexistas, machistas e misóginos.

Em Outubro de 2015, em uma edição do *reality show Masterchef Júnior* (Brasil), — em que os participantes eram crianças de 9 a 13 anos — uma participante foi alvo de inúmeros comentários pedófilos na internet. O caso teve tanta repercussão que o site *Think Olga* criou a *hashtag* #meu-primeiroassedio, em que as mulheres podiam expor seus próprios casos, lembrando de terem sido assediadas ainda novas.

Já em Outubro de 2017 foi criada a #metoo, uma campanha iniciada através do *Twitter*, pela atriz Alyssa Milano, nos EUA, que mobilizou mais de 500 mil mulheres a contar sobre violências e abusos sexuais que tinham sofrido. Alguns relatos em comum ajudaram a expor o diretor de cinema Harvey Weinstein, afastando-o de festivais, premiações e produções.

Em menos de 24 horas, milhares de anônimas assim como famosas, usaram a *hashtag* para expor seus dramas pessoais e gerar uma rede de apoio, a fim de demonstrar o quanto abusos são comuns na relação entre homem e mulher. Logo após essa iniciativa, surgiu o *Time's Up*, um movimento que continuou encorajando mulheres a expor seus assediadores assim como as diferenças salariais no meio profissional.

Alyssa Milano @Alyssa_Milano

If you've been sexually harassed or assaulted write 'me too' as a reply to this tweet.

Me too.

Suggested by a friend: "If all the women who have been sexually harassed or assaulted wrote 'Me too.' as a status, we might give people a sense of the magnitude of the problem."

1:21 PM - 15 Oct 2017

24,725 Retweets 53,346 Likes

xoxo, Gaga @ladygaga

#MeToo

15:57 - 15 de out de 2017

7.420 Retweets 30.261 Curtidas

1,8 mil 7,4 mil 30 mil

Anna Paquin @AnnaPaquin

Em resposta a @Alyssa_Milano

Me too

13:27 - 15 de out de 2017

305 Retweets 2.085 Curtidas

#EvanRachelWood @evanrachelwood

Because I was shamed and considered a "party girl" I felt I deserved it. I shouldn't have been there, I shouldn't have been "bad"

#metoo

9:14 PM - 15 Oct 2017

205 Retweets 1,390 Likes

Patricia Arquette @PattyArquette

#MeToo

14:32 - 15 de out de 2017

159 Retweets

#EvanRachelWood @evanrachelwood

Being raped once made it easier to be raped again. I instinctually shut down. My body remembered, so it protected me. I disappeared. #metoo

20:53 - 15 de out de 2017

431 Retweets 2.650 Curtidas

Meesha Shafi @itsmeeshas... · 21h

Sharing this because I believe that by speaking out about my own experience of sexual harassment, I will break the culture of silence that permeates through our society. It is not easy to speak out.. but it is harder to stay silent. My conscience will not allow it anymore #MeToo

today are safer.

It has been an extremely traumatic experience for me and my family. Ali is someone I have known for many years and someone who I have shared the stage with. I feel betrayed by his behavior and his attitude and I know that I am not alone.

Today, I am breaking this culture of silence and I hope that by doing that I am setting an example for young women in my country to do the same. We only have our voices and the time has come to use them.

Maddy Black @maddyblack_

I was too young the 1st time to even understand. It shouldn't have happened a 2nd or 3rd time. I still carry it with me every day #metoo

A ولاية has no name @NooraNader

I was a hijabi child (13) who was wearing an abaya, going to pray taraweeh in Ramadan and I got called disgusting names in the street #MeToo

#HijabIsFeminism @Aymansayz

A Hijabi woman NEVER experiences this. #NotMe twitter.com/Un

Kim Weaver @KimWeaverIA

FIRST time I was sexually assaulted I was a 6th grade crossing guard. Man pulled up and exposed himself to me. The fear was real #MeToo

6:32 PM - Oct 15, 2017

27 70 347

Relatos de mulheres que sofreram algum tipo de abuso e tiveram coragem de usar a #metoo para expor o caso no Twitter.

2. futebol feminino

2.1 A ORIGEM DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

- Anos 20 e 30

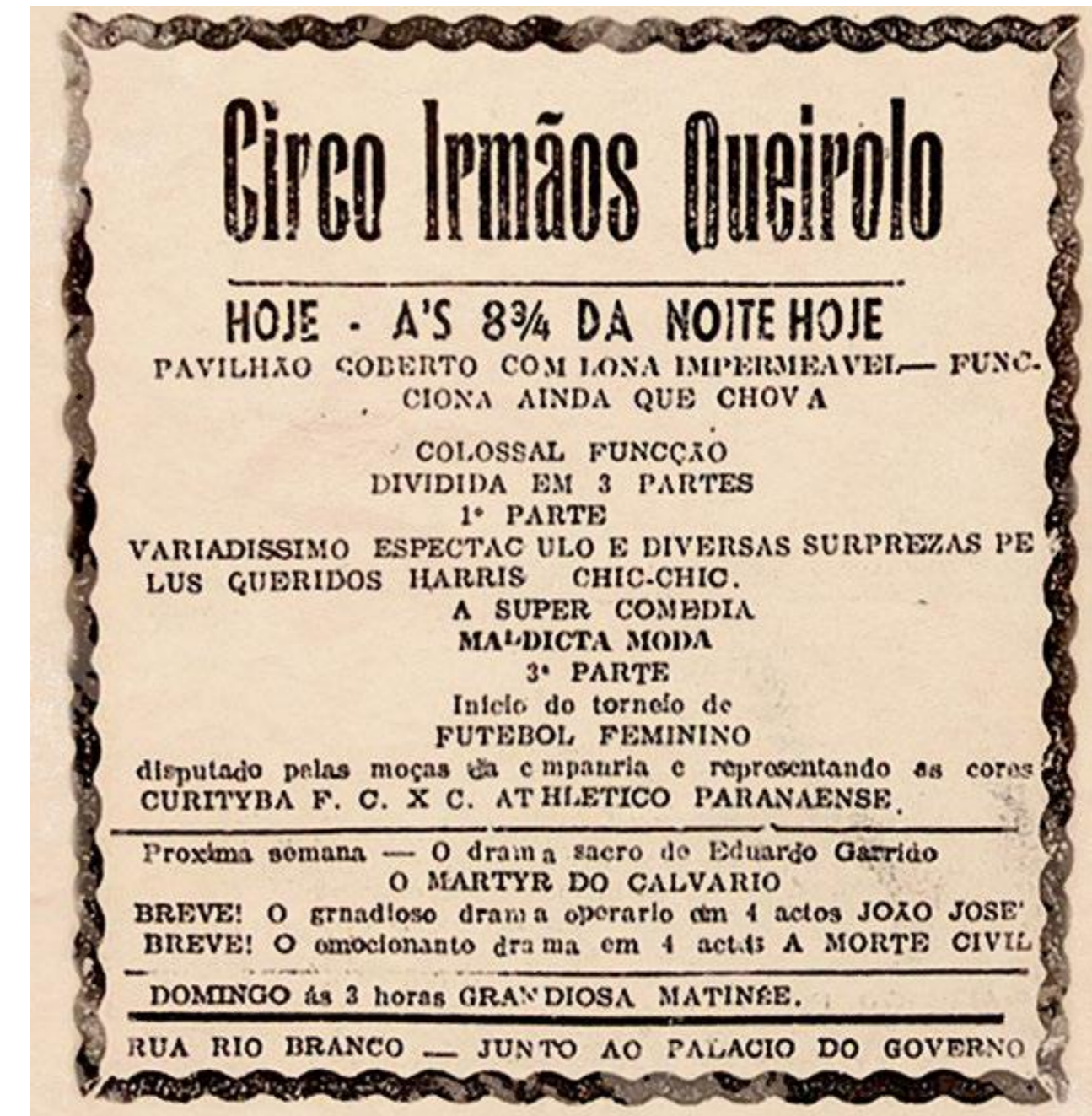
As primeiras informações obtidas sobre partidas de futebol entre mulheres são vindas de registros de jornais que anunciavam a prática em cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo. [Nessa época, o futebol feminino era tratado como uma performance em circos e o anúncio era de um espetáculo.](#)

O circo nessa época era uma grande área de entretenimento, as vezes até maior que o teatro. Nele era possível experimentar e, somado ao pouco tempo para decorar falas, o futebol feminino virou atração com atrizes vestidas em uniformes de equipes locais.

"É curioso saber que as primeiras décadas do século 20 marcaram a ruptura do privilégio masculino nos picadeiros nacionais. Mesmo que estigmatizadas, malvistas e à beira da prostituição, aos poucos a composição de artistas mulheres cresceu em tais companhias"

AIRA BONFIM, PESQUISADORA QUE AJUDOU A IMPLEMENTAR O CENTRO DE REFERÊNCIA DO FUTEBOL BRASILEIRO, EM ENTREVISTA AO SITE "TERRA"

Até a década de 40 não houveram registros oficiais de uma seleção e o que se tem de informação dessa época é a prática em periferias, sem grandes clubes ou ligas.



Convite de circo com futebol feminino como atração

2. FUTEBOL FEMININO

Times de futebol
feminino



- 1940

Já na década de 40, o futebol feminino começou a migrar dos picadeiros para os campos suburbanos. Houve um partida entre mulheres no Pacaembu (São Paulo) e essa visibilidade gerou revolta em grande parte da sociedade. Houveram esforços da opinião pública e de autoridades da época para que proibissem a prática.

- 1941



Um processo de regulamentação do esporte no Brasil culminou na primeira proibição do futebol feminino no país. Criou-se o CND (Conselho Nacional de Desportos) que na época, estava sob a alçada do Ministério da Educação.

Nesse ano foi muito debatido a profissionalização e amadorismo, tornando-se assim, uma temática que virou demanda do CND. Foi então instituído o decreto-lei (3199, art. 54) no qual o texto trazia de forma mais geral que as mulheres não deveriam praticar esportes que não fossem “adequados” a sua natureza. Apesar de não ser citado explicitamente, o futebol se encaixava nesse ponto.

- 1965

Em 1965, no governo militar, novamente o decreto-lei é publicado só que dessa vez mais detalhado. Assim como em 1941, as mulheres jogam bola de forma clandestina, e se tem poucos registros sobre isso uma vez que era proibido. Porém nesse ano o futebol é citado especificamente no decreto.

DECRETO-LEI N. 3.199 - DE 14 DE ABRIL DE 1941

CAPÍTULO IX: DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.

- 1979

Somente no final da década de 70 foi revogada a lei que proibia a prática das mulheres jogarem futebol. Entretanto, as mulheres continuam sofrendo com a falta de incentivo dos clubes e federações.

- 1983

Neste ano a modalidade foi regulamentada. Com isso, foi permitido às mulheres que elas pudessem competir, utilizar estádios e ensinar o esporte nas escolas. Surgem clubes competitivos pioneiros no profissionalismo, como o Saad e o Radar.

- 1988

A Fifa realizou, em 1988, na China, um Mundial de caráter experimental (Women's Invitational Tournament). Foram escaladas mulheres das bases do Radar (RJ) e do Juventus (SP) porém não houve uma confecção especial de uniformes para as jogadoras e estas jogaram com as sobras das roupas dos homens. Vale comentar que o Brasil ficou em terceiro lugar nesta primeira competição teste.

As primeiras jogadoras brasileiras de um evento da Fifa com uniformes masculinos.



- 1991

Em 1991 foi realizada a primeira Copa do Mundo Fifa de Futebol Feminino, onde a CBF assumiu o time oficialmente com um tratamento ainda muito amador, sem ao menos 1 ano de treinamento. O time era praticamente o mesmo da primeira competição experimental. Na vitória contra o Japão, a zagueira Elane marcou o primeiro gol da história do país em torneios Fifa.



- 1996

A Seleção estreia em sua primeira Olimpíada, em Atlanta. O time estava repleto de craques da geração anterior (nomes como Sissi, Pretinha, Meg, Marisa, Susy, Fanta, e Roseli) e terminou a competição em quarto lugar, numa disputa contra a Noruega tendo como placar final 2x0.

- 1999

Foi o ano da conquista da primeira medalha em Copas do Mundo. Ainda com um tratamento muito amador, a Seleção conseguiu o feito numa disputa realizada nos EUA ficando em terceiro lugar, derrubando a Noruega. O gol da vitória marcado por Sissi, sobre a Nigéria nas quartas, é lembrado até hoje como um dos mais bonitos da história dos Mundiais. Sissi foi uma das artilheiras do torneio.

A jogadora Sissi,
à esquerda.



- 2003

Este ano ficou marcado pois foi o ano em que Marta participou de sua primeira Copa do Mundo. Ainda muito jovem, a futura melhor jogadora era destaque entre as jogadoras mais experientes. Junto à Marta, Cristiane também iniciava sua jornada em Mundiais. Neste ano o Brasil foi medalhista de ouro no Pan de Santo Domingo.

- 2004

Contando com nomes como Marta, Formiga e Cristiane na Seleção, o Brasil conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de 2004, na Grécia. Era um time excelente e início de uma geração que se tornaria a mais vitoriosa do país. A conquista dava a esperança de crescimento dentro da modalidade no país, mas ainda assim esse crescimento não veio de imediato.

- 2006

Esse foi o ano em que Marta conquistou seu primeiro troféu como melhor jogadora do mundo.

- 2007

Em Julho deste ano o Maracanã ficou lotado no Pan do Rio de Janeiro para ver uma partida de gala do Brasil contra os EUA que não jogou com sua equipe principal. As brasileiras conquistaram a medalha de ouro em uma goleada de 5x0.

Já em Setembro, na China, O Brasil conquistou a segunda colocação na Copa do Mundo Feminina. Marta fez na partida da decisão contra a Alemanha o seu gol mais bonito. Neste ano, também, a jogadora conquistou seu troféu de melhor jogadora pela segunda vez.

- 2008

Com a Seleção ganhando a medalha de prata na Olimpíada de Pequim, Marta levava pela terceira vez neste ano o prêmio de melhor do mundo.

- 2009

O ano de 2009 teve sua primeira edição da Libertadores feminina. O time do Santos ficou com o título, tendo Marta e Cristiane em sua escalação. O torneio teve 10 equipes de países membros da Conmebol.

Pela quarta vez, Marta leva para casa o título de melhor do mundo.

Cristiane e Marta, campeãs da Libertadores pelo Santos.



- 2010

Marta conquista, pela quinta vez consecutiva o troféu de melhor do mundo.

- 2014

Neste ano a Seleção feminina se preparava para um novo ciclo junto ao técnico Vadão no comando da equipe. Enquanto a Copa do Mundo masculina ocorria no Brasil, a equipe feminina se organizava como Seleção permanente.

- 2015

Na Copa do Mundo feminina deste ano, o Brasil caiu logo nas oitavas contra a Austrália. Por consequência disso, o prêmio de melhor jogadora do mundo foi dado à Carli Lloyd. Contudo, na disputa contra o Canadá no Pan, o Brasil garantiu a medalha de ouro.

- 2016

Nos Jogos Olímpicos realizado no Brasil, o Seleção conseguiu cativar e dar a esperança de uma medalha dentro de casa, porém, a derrota contra a Suécia e o Canadá deixaram a equipe de fora da briga pelo título.

- 2017

Uma decisão importante foi tomada pela Conmebol este ano: os clubes que desejassem disputar suas competições no masculino eram obrigados a terem times femininos a partir de 2019. O caminho foi seguido pela CBF.

- 2018

Pela sexta vez, Marta leva o título de melhor do mundo.

- 2019

Com a obrigatoriedade dos clubes terem times femininos, a disputa do Brasileiro Série A ganha mais mulheres. Algumas conquistas fora dos campos acontecem, como por exemplo o retorno de Cristiane ao Brasil sendo contratada pelo São Paulo e a transmissão pela primeira vez na tv Globo (a maior emissora nacional) dos jogos da Seleção feminina em Copa do Mundo.

Além disso, para a divulgação, aconteceu na emissora, uma série de reportagens especiais durante a programação contando a história e incentivando o público a assistir as partidas das jogadoras. Nunca na história do futebol feminino elas tiveram tanta visibilidade assim.



O elenco da Seleção feminina na Última Copa do Mundo, em 2019, na França



Jogadores de futebol ao lado de Marta, seis vezes ganhadora do troféu de melhor jogadora.

2.2 A SELEÇÃO BRASILEIRA COMO INSPIRAÇÃO

Em Junho de 2019 ocorreu, na França, a oitava edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino. O evento aconteceu no mesmo momento em que eu estava a procura do tema para este projeto.

A jogadora Marta, no fim da competição, após a Seleção brasileira ser eliminada para as donas da casa, deu um depoimento muito emocionado quando perguntada sobre o momento especial que o futebol feminino vive com a Copa do Mundo:

“É um momento especial e a gente tem que aproveitar. Digo isso no sentido de valorizar mais. Valorize! A gente pede tanto, pede apoio, mas a gente também precisa valorizar. A gente está sorrindo aqui e acho que é esse o primordial, ter que chorar no começo para sorrir no fim. Quando digo isso é querer mais, treinar mais, estar pronta para jogar 90 e mais 30 minutos e mais quantos minutos forem necessários. É isso que peço para as meninas. Não vai ter uma Formiga para sempre, uma Marta, uma Cristiane. O futebol feminino depende de vocês para sobreviver. Pensem nisso, valorizem mais. **Chorem no começo para sorrir no fim.**”

Após ouvir pela televisão, fui convencida que precisava falar com essas meninas, de alguma forma, que elas precisavam lutar para conquistar seus espaços. O futebol feminino ainda é imensamente desvalorizado quando comparado ao futebol masculino, ou seja, é de amplo conhecimento que as jogadoras recebem salários inferiores aos dos homens, que tem uma visibilidade bem menor nas mídias - e

isso acarreta em problemas com patrocínio visto que a modalidade feminina não gera tantos lucros -, e que no Brasil, nem todos os times tem uma base de treinamento feminina.

Com isso, as chances das mulheres conseguirem viver do esporte no país e se tornarem grandes nomes de referência em campos nacionais é imensamente inferior as chances que os homens têm, por exemplo. Por isso, é normal em uma trajetória de mais sorte, que as meninas saiam do Brasil para treinarem e se aperfeiçoar no esporte em clubes estrangeiros, uma vez que por lá, é um pouco mais reconhecido.

É claro que com uma onda de empoderamento e discussão dos papéis que as mulheres podem assumir na sociedade atual, o assunto vem ganhando cada vez mais a visibilidade necessária para mudar esse cenário. Encontrei nesse esporte a essência do que queria falar: como a mulher ainda é excluída e até incapacitada de realizar seus sonhos e assumir uma posição de destaque igual ou superior a que foi imposta socialmente por séculos sendo um lugar masculino.

Assim, considerando o futebol como tema central dessa desigualdade, precisei ir mais a fundo para entender como eram as vidas das jogadoras atuais da Seleção que, com tanto esforço, hoje conseguem ser reconhecidas.

Pesquisando sobre os nomes do time que atuou pelo Brasil em 2019, foi possível constatar que a maioria das jogadoras, além de vir de uma infância humilde, no interior, sem luxos e condições favoráveis de treino, são mulheres que não tiveram uma base familiar estruturada e com isso, não tinham apoio da família para ser jogadoras. Em alguns casos, foram pessoas de fora desse âmbito familiar que deram suporte para que as garotas pudessem treinar e participar de competições.

A generalização, aqui, serve para enfatizar que as histórias dessas jogadoras têm muito em comum uma com a outra, e que esses casos podem ser facilmente encontrados até hoje em lugares distantes das grandes cidades.

3. livro ilustrado

3.1 OS PRIMÓDIOS DA ILUSTRAÇÃO

Cavalo,
c.15.000-10.000 a. C



Não se pode datar precisamente quando surgiram as primeiras pinturas rupestres, mas provavelmente se iniciaram na pré-história. Quando foram descobertas nas paredes de cavernas, em rochas na Espanha e no sul da França, no século XIX, as imagens primitivas causaram estranhamento nos arqueólogos por se tratar de representações tão vívidas e fiéis de animais que podiam ter origem na Era Glacial. Com pesquisas, foi possível deixar claro que aquelas imagens de cavalos, mamutes, renas e bisões tinham sido de fato gravadas por caçadores desses animais.

No Egito existia a representação de líderes e governantes por meio de pintura nas paredes, pois eles acreditavam que, com a preservação da aparência do rei, conseguiriam uma garantia a mais da continuidade de sua existência pela eternidade. Essa pintura, porém, não retratava a fisionomia fiel, mostrando apenas o perfil deles, uma vez que desconheciam a perspectiva. Seus autores acreditavam que

retratavam a vida real e o mais importante para eles não era a beleza, mas a integridade do que estava sendo ilustrado.

No século XIX, em Fayum, Egito, foi descoberta uma série de retratos feitos por egípcios no estilo greco-romano usando a técnica da encáustica e da têmpera, mudando assim toda a percepção de pintura que tinham. Esses retratos são exceções. Atenas, na Grécia, foi uma das cidades-estado mais famosas e relevantes no quesito de história da arte (século IV a.C. a I d.C.).

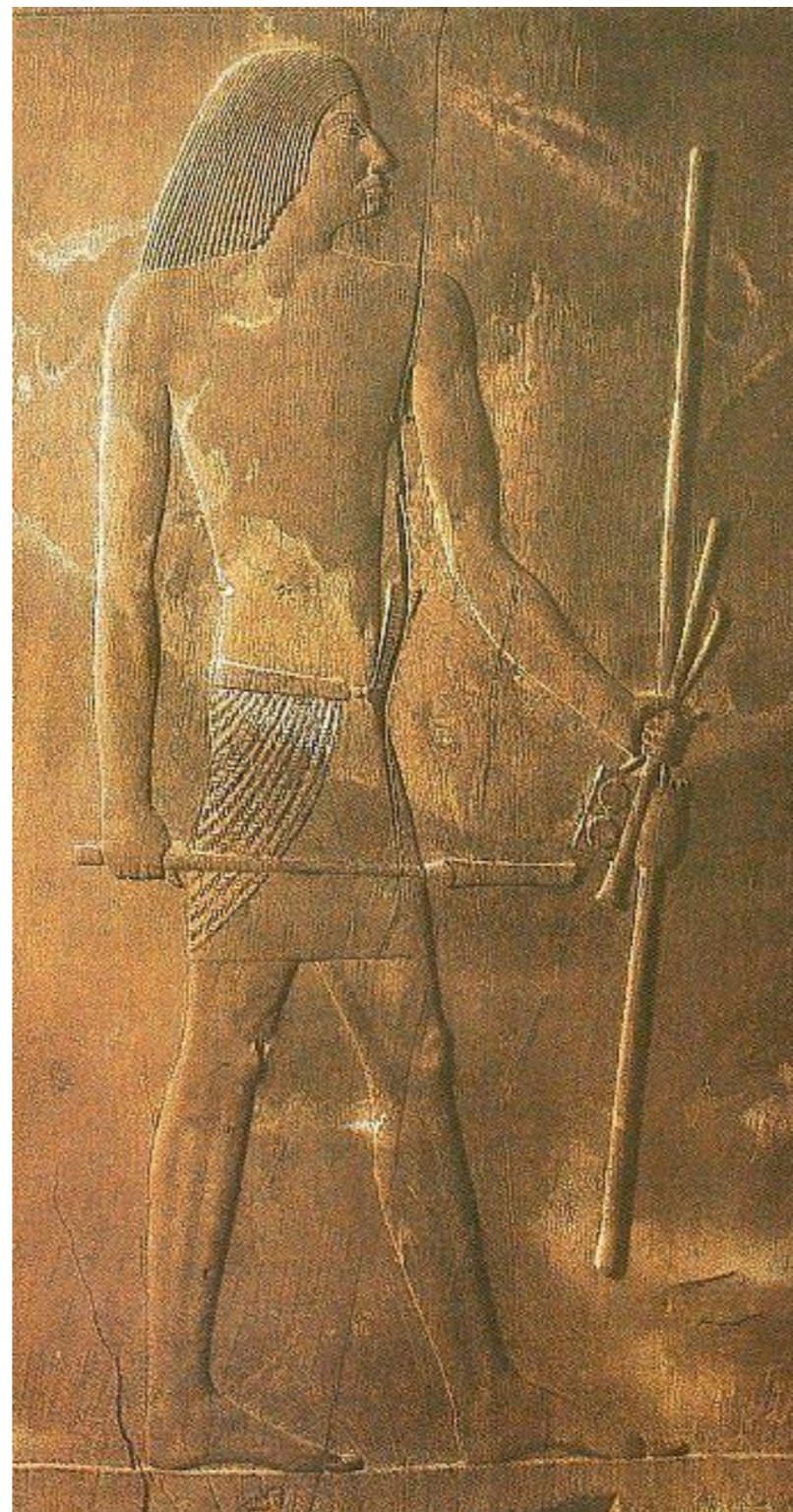
Os artistas dos antigos impérios orientais almejavam a perfeição, tentavam reproduzir com a maior fidelidade possível. Os gregos treinavam essa perfeição em esculturas, e os pintores seguiram esse rastro. Em um dos modelos mais antigos, dois heróis homéricos, Aquiles e Ajax jogam damas em sua tenda: os olhos são vistos de frente mas os corpos não são mais baseados no modelo egípcio. Assim sendo, em outras obras desencadeou-se um novo ponto de vista e um novo modo de pensar a velha arte, e isso foi essencial para projetar diferentes ângulos e não focar apenas na clareza da figura. O ilustrador agora se permitia imaginar como seria a pose, em vez de apenas reproduzir o que estava vendo.

Contudo, é importante dizer que, no início, os gregos tinham muita influência egípcia em suas pinturas, com contornos e linhas firmes. A grande descoberta dos gregos foi, sem dúvidas, a perspectiva que se deu em um período de grandes mudanças e contestações.

Em Roma, na Itália, a maioria dos artistas eram gregos e os compradores eram colecionadores italianos. Com Roma se tornando um grande império, a arte sofreu uma grande transformação. A importância que os romanos deram ao registro de detalhes e clareza provocou uma significativa transformação no caráter da arte.

3. LIVRO ILUSTRADO

Da esquerda para a direita: Aquiles e Ajax, retrato de Hesire e manuscrito medieval.



Suas técnicas de representação pictórica dos feitos heróicos serviram de inspiração religiosa.

Nos primeiros séculos depois de Cristo (séculos I a IV), houve uma grande reforma artística, por conta da soberania da arte helenística e romana que se sobrepuseram às já existentes. Os egípcios, por exemplo, contratavam artistas que dominassem as artimanhas gregas para pintar suas múmias. Quando os primeiros artistas cristãos foram encarregados de representar Salvador e seus apóstolos, a tradição artística grega dominou novamente. A pintura deixou de ser o belo em si, para lembrar aos fiéis dos exemplos de misericórdia e poder divinos retratando a ascensão do cristianismo.

No Oriente Médio, a religião dos seus conquistadores era ainda mais rígida que o cristianismo e não permitia a reprodução de imagens (todavia, a arte não foi contida e os artesãos criaram os arabescos). Então, as novas mudanças dificultaram o entendimento dos pagãos recém convertidos à nova fé, de compreender essa diferença de crença, entre ver ou não a imagem no altar da igreja. No fim, as imagens conquistaram espaço, mesmo ainda existindo os iconoclastas, que defendiam o não uso e reprodução de imagens em igrejas.

Após o colapso do Império Romano, também conhecido como Idade das Trevas, a Europa surgiu com os manuscritos ilustrados de tamanho pequeno o bastante para caber em um alforje. Essa portabilidade possibilitava a transmissão de conhecimento de uma região a outra por tempos.

A produção de manuscritos durante o milenar período medieval criou modelos de layout que foram se modificando conforme o acesso das pessoas em suas regiões. Em um dos primeiros manuscritos da Alta Antiguidade tem-se um design equilibrado: texto escrito em maiúsculas rústicas e ilustração emoldurada representando o estilo clássico.

3.2 O SURGIMENTO DO LIVRO ILUSTRADO



Para discorrer sobre a história do livro ilustrado, é necessário, primeiramente, entender sobre a importância do design gráfico para a humanidade, uma vez que é através dele - a partir de palavras, imagens e projetos gráficos - que o meio de comunicação ilustrado se tornou acessível e compreensível.

Papiro egípcio

A história do surgimento do livro ilustrado ainda não é bem definida e existem pesquisas acerca disso até hoje. Porém, sabe-se que os egípcios desenvolveram o papiro e que foram os primeiros povos a produzir manuscritos ilustrados, em que figuras e palavras eram combinados para dar informação.

No período romano existia o *volumen* (rolo), que consistia em um cilindro de papiro que revelava o texto quando desenrolado. Este foi sucedido pelo *codex*, criado por gregos e aperfeiçoado por romanos na Era Cristã. A criação de um pergaminho costurado em forma retangular criou o formato de livro conhecido hoje.

Os artistas no início do século XIII eram influenciados por livros da igreja, que continham iluminuras decorativas. Esses manuscritos iluminados tem duas tradições: oriental, dos países islâmicos e ocidental, da Europa, com origem na Antiguidade Clássica. Os escritos religiosos tinham muito valor para judeus, cristãos e muçulmanos. A ilustração tinha em seu apelo estético a busca por criar nuances místicas e espirituais. Seu uso era extremamente importante para ajudar a difundir a palavra. A produção de manuscritos era muito demorada e minuciosa, e tudo era feito com precisão.

Com o passar do tempo, o conceito de livro ilustrado foi se modificando: A xilogravura era, até o final do século XVIII, a única técnica em que era possível ter versatilidade para imprimir figuras e caracteres e com ela foi possível a produção dos primeiros livros infantis. As primeiras publicações destinadas a crianças continham poucas ilustrações e pela xilogravura apresentar traços grossos e imprecisos, foram desenvolvidas outras técnicas como o talho-doce, xilografia de topo, litografia, entre outras.



Hornbook: uma produção feita em folha de couro, oriundo da Inglaterra, no século XV. Não havia espaço para as iluminuras

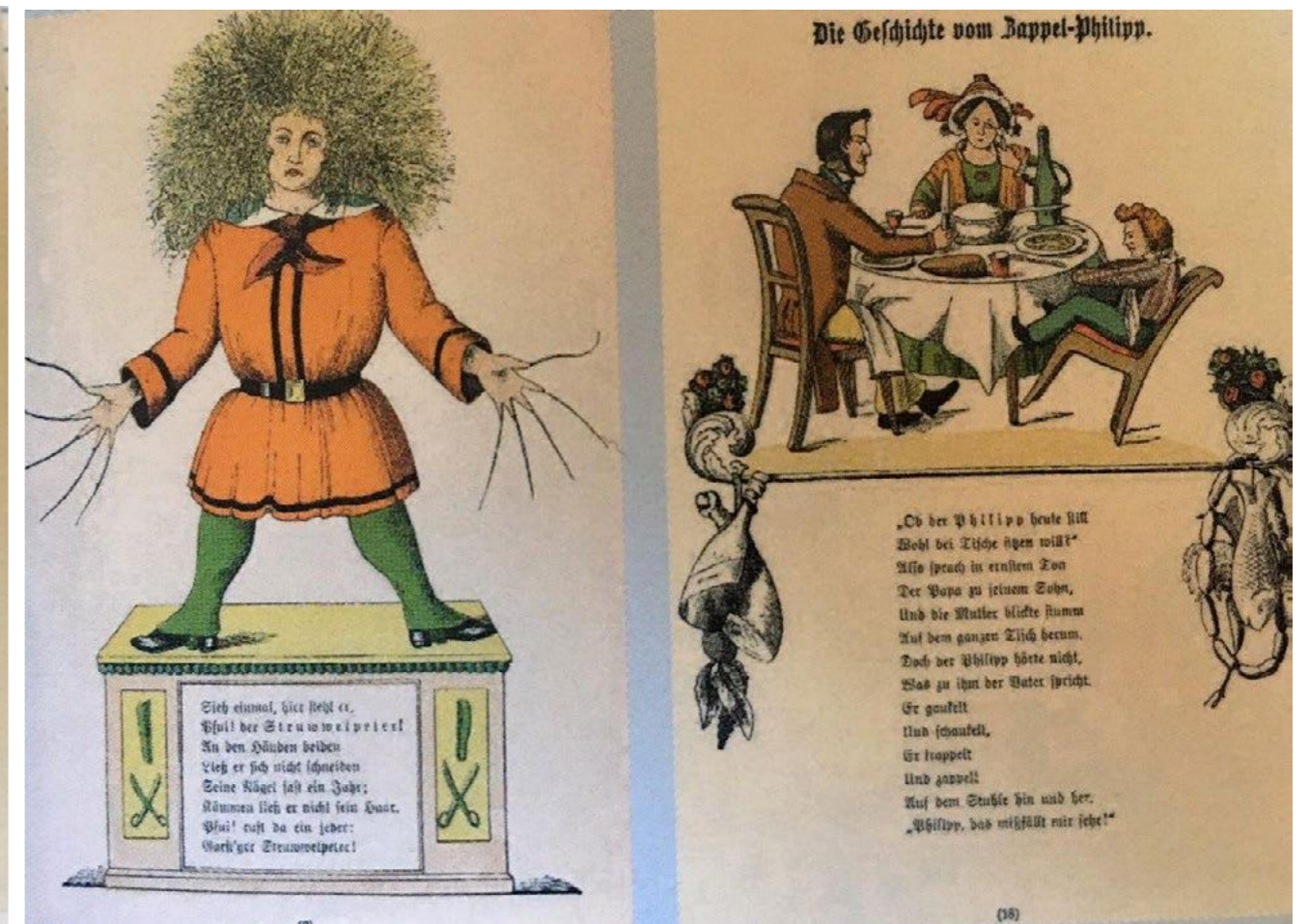
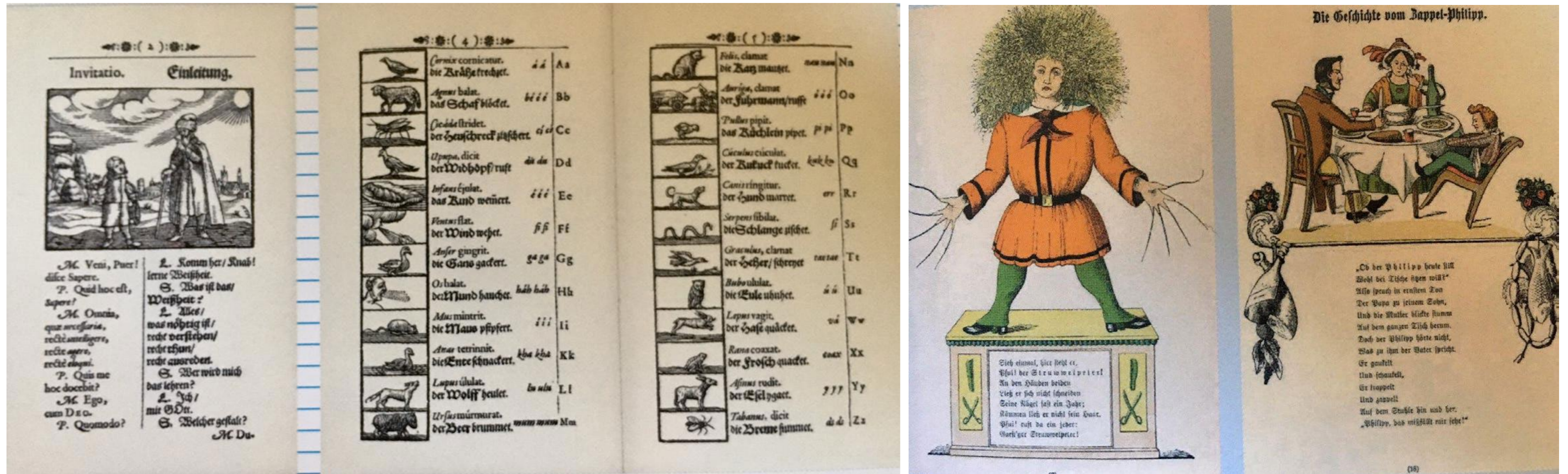
3. LIVRO ILUSTRADO

Em sentido horário:
Orbis sensualium
pictus [1658] [O
mundo visível em
pintura], Johann Amos
Comênio, 1675.

João Felpudo, Heinrich
Hoffmann. São Paulo:
Melhoramentos, 1942.

L.-M. Boutet de Monvel,
Vieilles chansons
pour les petits enfants
[Velhas canções para
criança]. Paris: Plon/
Noutir et cie, 1927.

Chapeuzinho
Vermelho, Charles
Perrault Gustave
Doré. 1863.



3.3 LIVRO IMAGEM

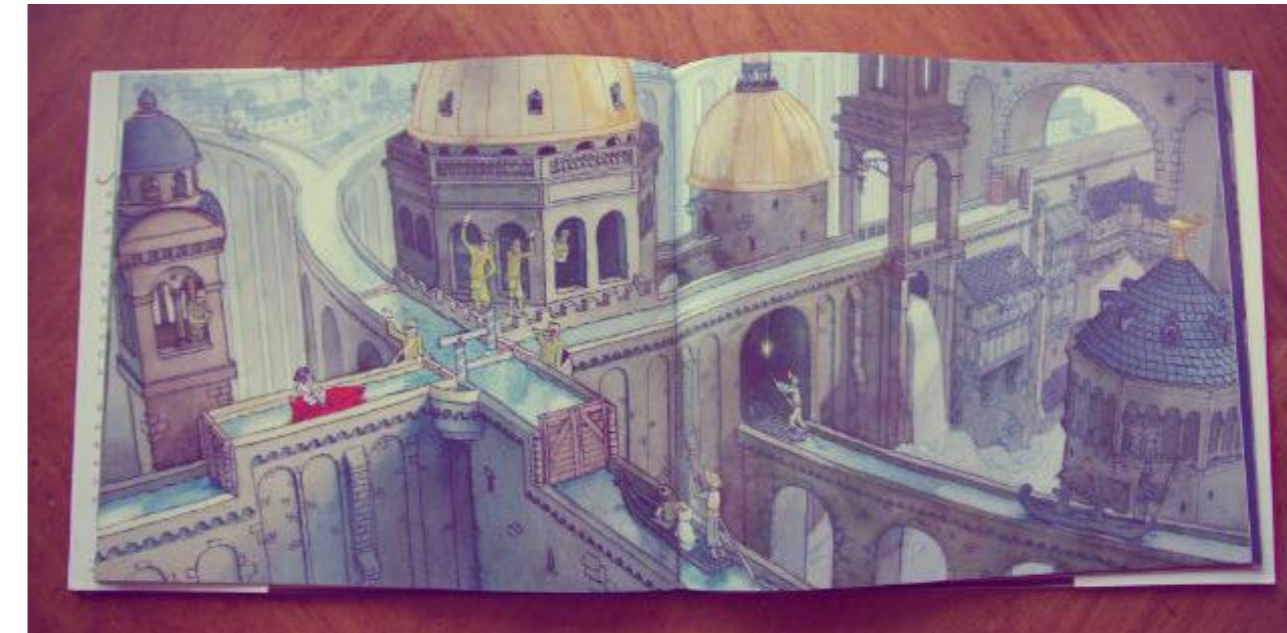
Para Linden (2011), livros ilustrados são “obras em que a imagem é espacialmente preponderante em relação ao texto, que aliás pode estar ausente (...).”

“Livro imagem” é a nomenclatura dada no Brasil designada para livros sem texto. Segundo Taíssa Maia (2016) “A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil considera livros-imagem aqueles em que a narrativa se dá exclusivamente através da iconografia (ilustrações, fotos etc.), ou seja, sem texto.”

A ausência de texto em um livro imagem faz com que a história se construa através de cores, expressões, gestual dos personagens e enquadramentos que preencham a lacuna deixada pela falta do texto.

“As leituras da ilustração, do detalhe e do conjunto da imagem é um fenômeno quase simultâneo, sem contar que possui uma plasticidade variada, exercida por meio de cores e texturas, das formas dos objetos, das relações de profundidade, etc. No entanto, a estética da ilustração - diferente da de uma pintura - se explica e se justifica quando estabelecemos o elo independente e dependente da palavra.” (Oliveira, 2011)

A escolha de trabalhar em um livro imagem se deu a partir do desafio de me aventurar em algo que ainda não havia experimentado na graduação. A ilustração sempre esteve presente em toda minha vida, inclusive na trajetória acadêmica e, gostaria por isso, de terminar esse ciclo projetando um livro com uma história totalmente narrada por imagens.



"Journey", de
Aaron Becker.

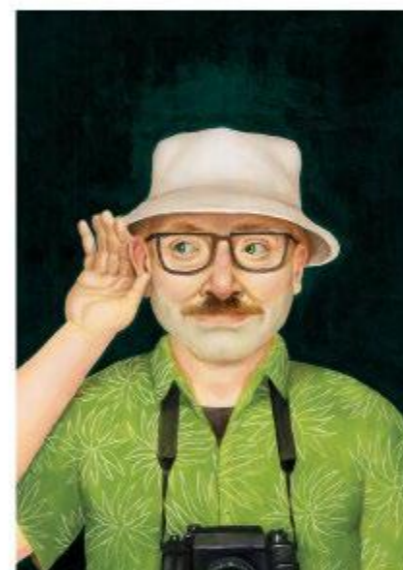


"Tom e o pássaro",
de Lenz Patrick

Ilan Brenman

Renato Moriconi

TELEFONE SEM FIO



"Telefone sem fio",
de Ilan Brenman

3.4 JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO PÚBLICO

O termo *young adult* (jovem adulto) compreende a faixa de leitores entre 13 e 18 anos e é destinado à adolescentes. A palavra tem origem no século XIX, em uma época onde a percepção de ser adulto era diferente da de hoje.

Uma das pioneiras a utilizar esse termo foi a escritora Sarah Trimmer, que dividiu o público jovem em duas categorias: livros para crianças (menores de 14 anos de idade) e livros para jovens pessoas (entre 14 e 21 anos). *Em livros considerados *young adult*, é comum termos histórias de jovens que passem por alguma situação que o leve ao seu amadurecimento. Este tipo de leitura tem algumas características chaves que são: o protagonista deve ser um adolescente autêntico, a história deve ser atemporal e transmitir sentimentos de transição de fase (adolescência).*

Projetar um livro no campo infantil e/ou juvenil sempre foi uma ideia que me agradava muito quando pensava em um trabalho de conclusão de curso. Por mais que as inspirações tenham ao longo do percurso mudado - inicialmente gostaria de criar uma peça para jovens deficientes entenderem o design pelo tato, depois parti para a ideia de criação de uma história autoral multimídia, em seguida parti para a ideia de criar histórias em quadrinhos e finalmente cheguei no livro ilustrado - o público mais jovem sempre esteve presente inconscientemente.

O livro ilustrado é, historicamente, vinculado a um público infantil, pois são considerados mais fáceis e mais agradáveis de ler por conta das imagens que acompanham o texto. Esse é um fato que pode ser relacionado com o processo de aprendizagem da criança, uma vez que é através dos livros que ela conhece assuntos novos para a vida.

“Homens e mulheres adultos educam crianças definindo em seus corpos diferenças de gênero. As características físicas e os comportamentos esperados para meninos e meninas são reforçados, às vezes inconscientemente, nos pequenos gestos e práticas do dia-a-dia na educação infantil”

(FINCO, 2003)

Inicialmente o projeto seria voltado ao público infantil, mas, tendo em mente a complexidade do tema e de trazê-lo em um livro que conta totalmente com a interpretação, sem apoio de textos, que fala sobre empoderamento e aceitação de uma mulher num lugar predominantemente masculino, foi decidido que o público juvenil seria a melhor opção.

A faixa etária do público foi então definida para 13 - 16 anos, idades em que os jovens já estão se questionando sobre o mundo, sobre seu papel na sociedade, na família, grupo de amigos, etc.

A concretização da produção de uma narrativa ilustrada apenas por imagens vem, acima de qualquer outra decisão, de um desejo íntimo de fazer com que este projeto fosse algo que pudesse ser contemplado por filhos que planejo ter no futuro. Com isso, aperfeiçoei a ideia de que eu pudesse ser a criadora e autora de um conteúdo de aprendizado e reflexão. Gostaria que a peça que eu produzisse gerasse um impacto positivo na criação de jovens, tornando esses adolescentes mais conscientes e desconstruídos de papéis de gênero.

“A transgressão dos padrões socialmente aceitos costuma ser socialmente mal vista e ridicularizada, uma das maneiras mais eficientes de reafirmar que cada um teria que se conformar aos padrões tradicionais de gênero e, principalmente, ao lugar que lhe cabe na sociedade. São preconceitos que não resistem à razão, nem aos novos tempos e que continuamos a considerar verdades intocáveis, nos costumes e nas regras inflexíveis. Entretanto, frente às opressões que as crianças vêm sofrendo, meninos e meninas ainda exercitam habilidades mais amplas, experimentam, inventam e criam, nos lembrando que o modo como estão sendo educados pode contribuir para limitar suas iniciativas e suas aspirações, mas também para se tornarem mais completos.

(FINCO, 2003)



Em "Júlia e sua sombra de menino": Os pais de Julia não gostam de seu jeito e quando sua sombra toma forma masculina, ela começa a questionar sua identidade.

4. desenvolvimento

4.1 MOTIVAÇÃO

Por ter nascido mulher e estar aprendendo até hoje a lidar com todo o simbolismo de ser do gênero feminino nessa sociedade ainda tão conservadora, acredito que tenho propriedade para discutir sobre e o assunto e expor problemas sociais enraizados.

A maior motivação de falar sobre esse tema é questionar o porquê de ainda sermos tão subestimadas, julgadas e desvalorizadas em ambientes que somos tão boas quanto ou melhores que os homens. Quando pensamos no futebol nacional, pensamos em Zico, Pelé, Garrincha, Ronaldinho e Neymar, enquanto deveríamos também associar imediatamente ao esporte grandes nomes como Marta, Formiga, Cristiane, Andressinha e Sissi (craque da Seleção em suas primeiras edições na Copa feminina), por exemplo.

O futebol feminino vem ganhando cada vez mais público e visibilidade nas mídias mas nada comparado ao futebol masculino uma vez que o abismo entre eles é enorme. As mulheres não tem o mesmo reconhecimento que os homens em campo, não ganham salários nem patrocínios iguais, não tem as mesmas oportunidades em clubes brasileiros e devem trabalhar até mais que a média da idade dos homens pois elas não conseguem se aposentar quando a idade ideal para pararem chega.

Além disso, como graduanda de uma Universidade pública, me vejo na obrigação de retribuir o investimento que foi direcionado a mim. Esse projeto é a chance de compartilhar meu conhecimento em uma questão social tão importante como o preconceito contra a mulher e de me posicionar não só contra as desigualdades mas também a favor de mais empatia feminina.

“Entretanto, pela minha formação, e eu digo isso à comunidade, pelo privilégio de não ter morrido quando criança, de ter podido estudar, enfim, por todos os privilégios que nós tivemos, acho que isso merece e nos obriga a uma devolução. Esta devolução é a nossa atividade, é a nossa ação para alterar esta realidade. E este trabalho é um trabalho franciscano, e em cada espaço que abrir nós temos que botar o pé. A cada momento como este onde tantas pessoas se reúnem para descobrir o que é a arte-educação, como mudar a formação da cabeça da criança, nós temos a obrigação de fazê-lo. Se vai resultar, ou o que vai resultar, nós não podemos saber. Vai ser uma coisa efetiva a soma desses pés colocados nos espaços. Vai ser suficientemente grande para mudar a natureza do comportamento do solo? Não sei. Quanto tempo levará? Não sei. Mas eu não tenho outra solução. Ficar em casa, de braços cruzados, porque o ambiente não é propício, esperando que ele mude? Quem vai mudá-lo senão nós? Quem vai mudá-lo senão através do processo criativo? Quem vai tocar na ferida, quem vai evitar que a criança seja modelada, seja colocada dentro de uma forma, senão a nossa atuação? Por menor que ela seja, por mais pequeno que seja o índice de penetração real e concreta de nossa atuação, é a única maneira que se tem de fazer. Pelo menos é a única que nós sabemos fazer e é nossa responsabilidade exercê-la.”

(MAGALHÃES, ALOÍSIO)

4.2 ROTEIRO

Essa história estava sendo construída, a princípio, levando em consideração algumas bases do livro "A Jornada do Escritor", de Christopher Vogler. Porém, em sua própria obra, o autor comenta que essas bases eram guias para escritores que iriam falar sobre heróis masculinos e recomendava então, para heroínas, o livro "Mulheres que correm com os Lobos", de Clarissa Pinkola Estés, que fala sobre mudanças e atitudes que a mulher dita "selvagem" deve ter.

"Se você tentou se adaptar a qualquer tipo de forma e não conseguiu, talvez você tenha muita sorte. É verdade que você pode ser um exilado de alguma espécie, as sua alma está abrigada. Ocorre um estranho fenômeno quando a pessoa tenta se adequar e não consegue. Muito embora a criatura diferente seja rejeitada, ela ao mesmo tempo é empurrada para os braços de seus verdadeiros companheiros psíquicos, quer se trate de uma linha estudo, de uma forma de arte, quer de um grupo de pessoas (...). Nunca é errado ir à procura do que necessitamos. Nunca mesmo"

(ESTÉS, CLARISSA, 2014)

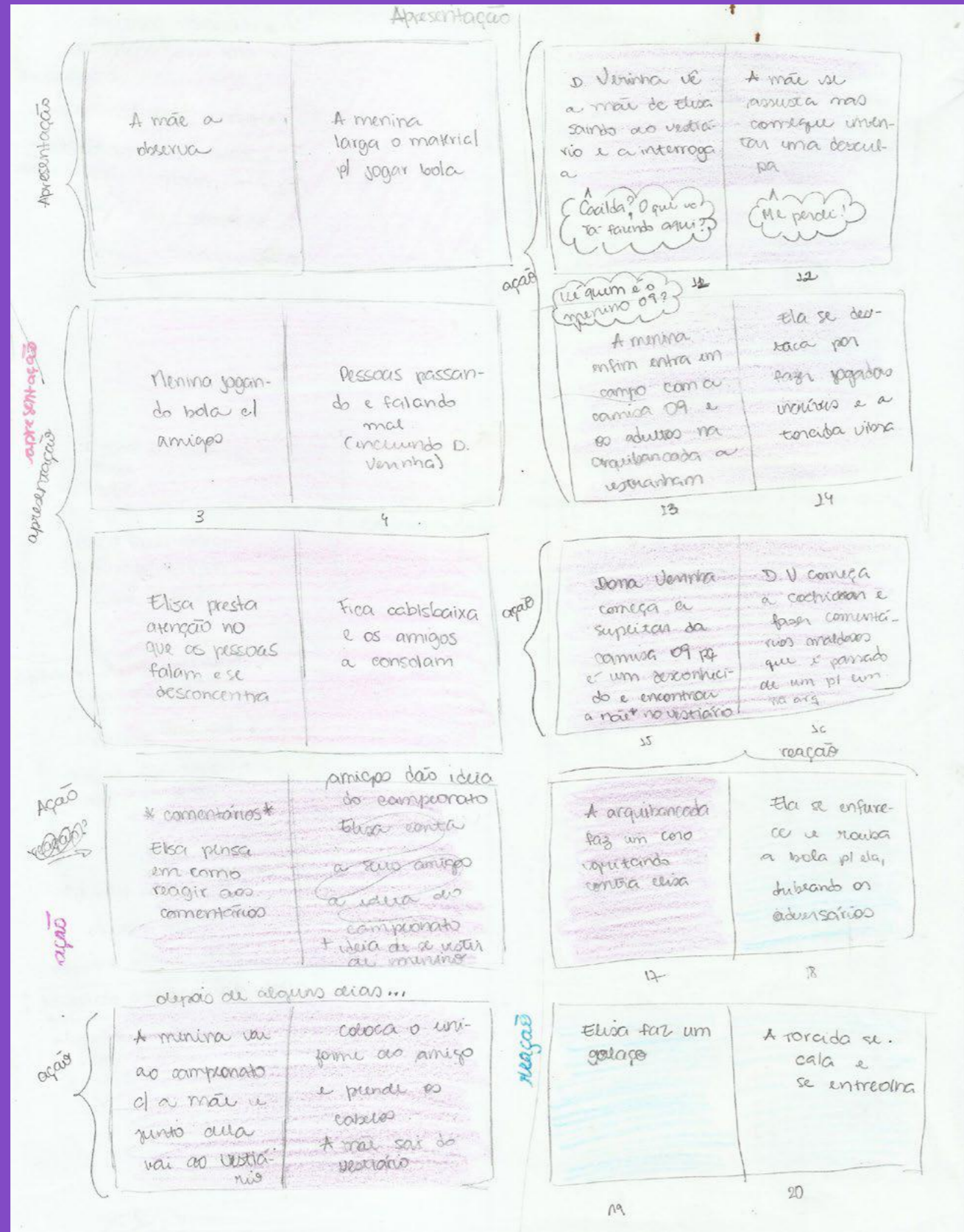
Após refletir sobre essa passagem do livro e notar que este não seria um instrumento de auxílio na fase de construção de estrutura e sim de conceito, decidi então me guiar parcialmente nos 12 passos da "Jornada do Herói", de Joseph Campbell, adaptando-o

às necessidades do meu tema. Utilizei as noções mais simples disponíveis (uma vez que a escrita não é minha área de formação), a fim de conseguir compor um guia que me fosse simples e objetivo.

Sendo assim, listei os termos utilizados por Campbell, de elementos básicos que deveriam conter em minha narrativa, para me orientar, como por exemplo: *Conceito* (história diferente e que dá origem a várias outras), *tema* (o que acontece, sobre quem é, porque alguém leria isso), *logline* (resumo da história em uma frase), *tema* (a narrativa em uma palavra, contando uma verdade universal), *heroína* (personagem que precisa decidir coisas sozinha, lutar para superar obstáculos, mudar quem era do início para o fim, alguém com falhas e desejo), *inimigo* (o que impede a heroína de conseguir alcançar seu objetivo) e finalmente, *estrutura* (divisão de atos: apresentação, ação, reação e conclusão).

A partir daí, comecei a escrever minha história e fui me guiando principalmente pelos atos.

Esquema de como os atos foram divididos na fase inicial



De acordo com Will Eisner (2005), “o processo ideal de escrita ocorre quando escritor e artista são a mesma pessoa. Isso, é claro, encurta a distância entre a ideia e sua tradução gráfica, criando um produto que reflete mais intimamente o intento do escritor.”

Ao longo do percurso foram criados muitos roteiros que foram repensados, reduzidos e readaptados para que, além de traduzirem minha intenção como autora e ilustradora, coubessem em um formato de narrativa ilustrada sem texto. A síntese, sempre foi a mesma: uma menina que sofria preconceito por jogar futebol. A moral também se manteve desde o princípio: meninas/mulheres podem ser o que quiserem.

Em um primeiro roteiro, a narrativa trazia a história de uma menina que contava com a ajuda da mãe e dos amigos para se vestir como menino e ser aceita pela vizinhança dentro do campo e, assim, conseguir mostrar quem ela realmente era. Em um outro momento, já com redução de narrativa, a menina conta só com a ajuda dos amigos - uma vez que essas crianças são personagens tão importantes quanto ela - para conseguir demonstrar que é uma boa jogadora de futebol.

Em um ajuste final, o roteiro foi finalizado dessa forma:

Em uma cidade do interior do Brasil, uma menina joga futebol com seus amigos no campo simples de barro de seu bairro. Ela percebe que recebe comentários maldosos por isso e fica triste.

No dia seguinte, a vizinhança está se direcionando para um evento de futebol local. Nesta partida, a menina está jogando entre os meninos e quando toca na bola, é vaiada.

Muito surpresa com a hostilidade dos moradores de seu bairro, a menina decide focar toda sua habilidade em um momento de pura garra para mostrar que ela pode sim estar ali.

Ao driblar os adversários e fazer um gol, esse gol toma uma forma que envolve a torcida em tom de espanto.

A torcida, que é envolvida por toda essa situação acolhe a menina para a comemoração.

Durante o processo de produção do roteiro, foi percebido que algumas cenas e planos aconteciam simultaneamente. Então, para dar continuidade na narrativa e agilizar o processo de produção (tais como aproveitamento de cenário e personagens secundários), algumas cenas e planos foram unificados.

4.3 STORYBOARD

Tendo o roteiro em mãos, o processo de produção seguiu seu fluxo: Esbocei diversos *storyboards* com o intuito de conseguir expressar o que não conseguia transmitir por meio das palavras.

A partir dessa parte do desenvolvimento, o trabalho foi feito de forma analógica, com lápis e papel, e digital, com *Photoshop* e mesa digitalizadora com aplicação direta das cores em tela. Alguns esboços viraram cenas, planos, outros foram descartados ou unificados, como dito anteriormente.

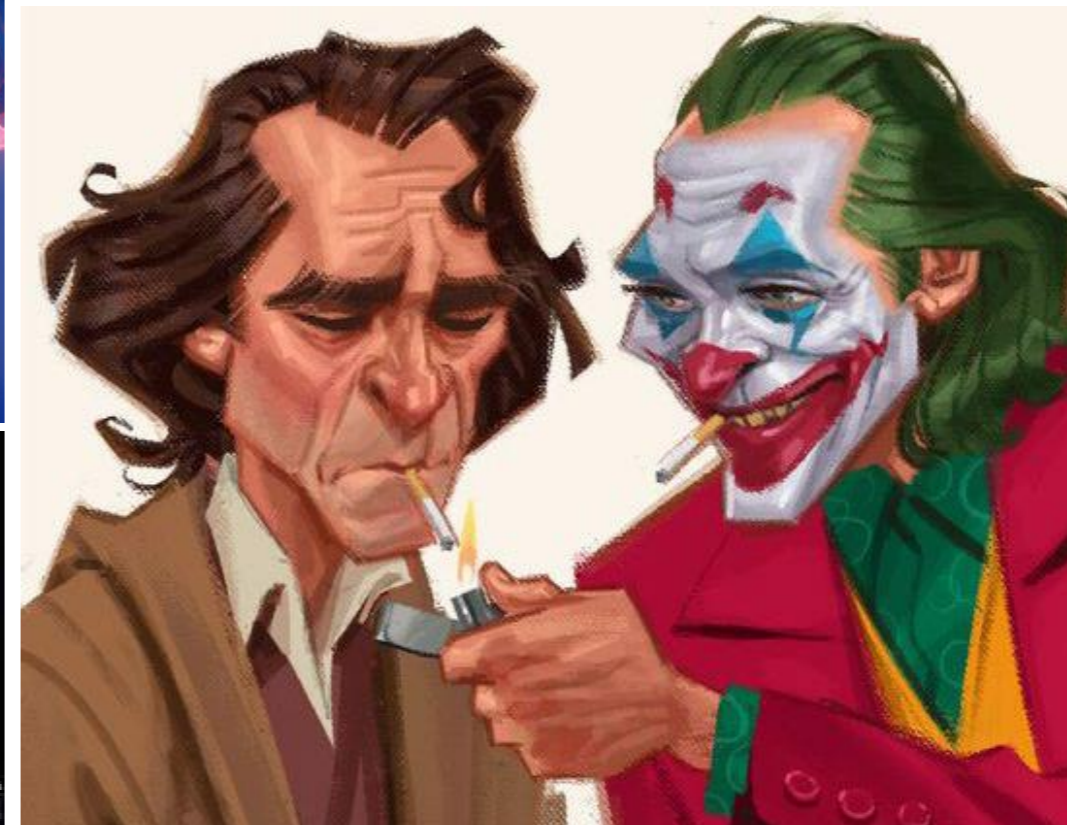
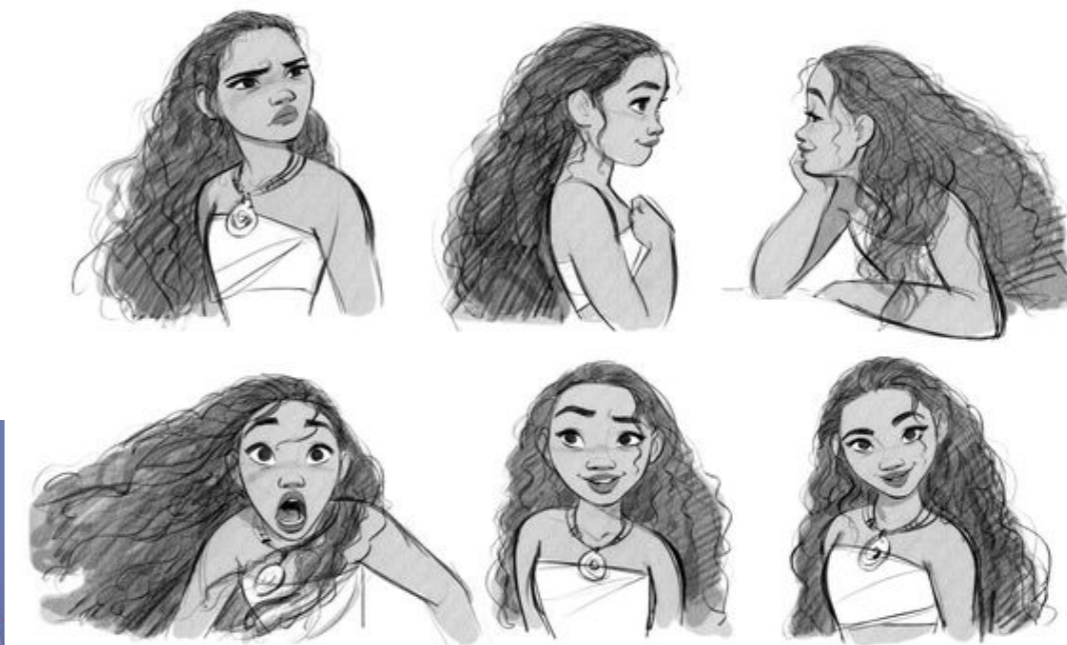
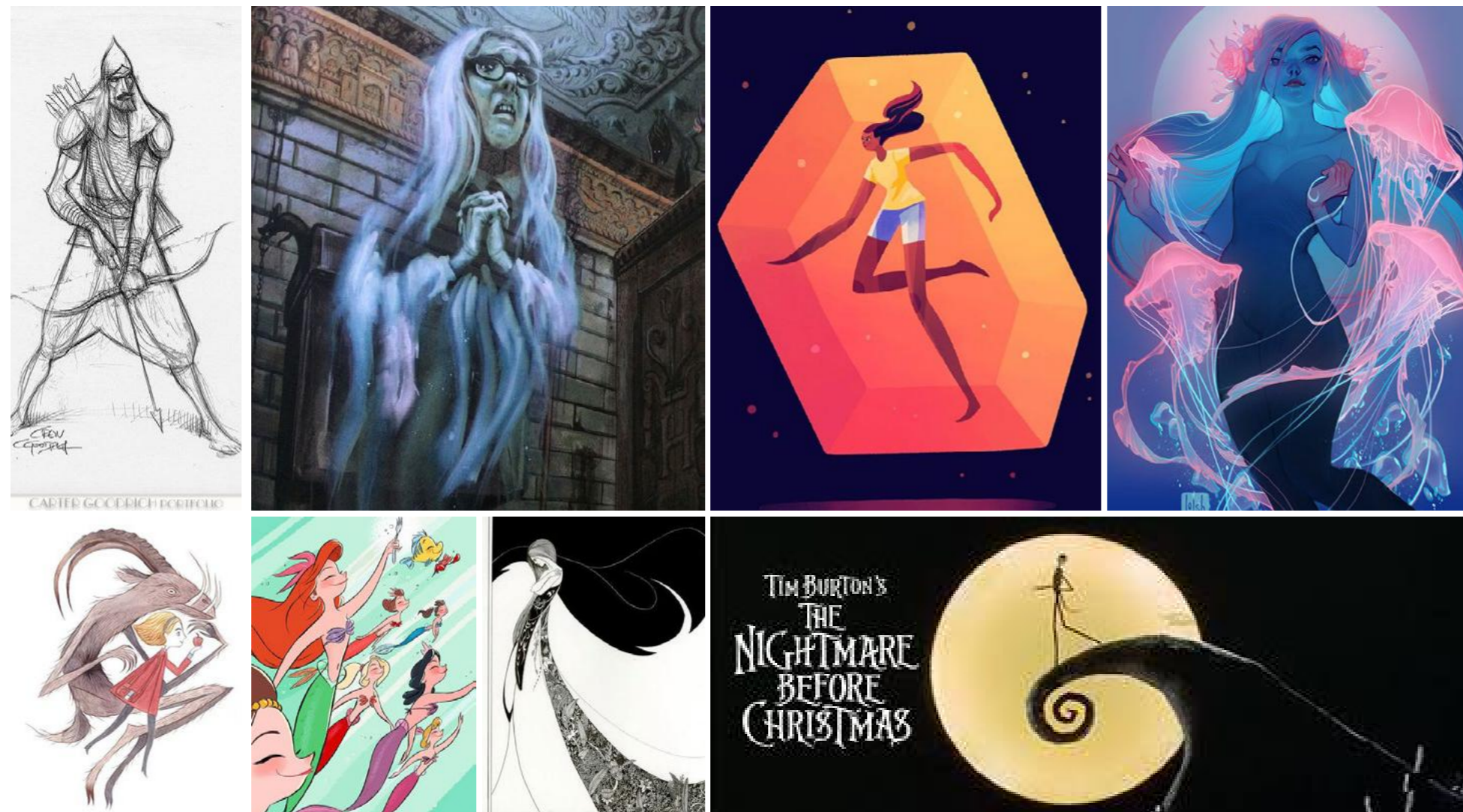


Storyboards iniciais



4.4 REFERÊNCIAS GRÁFICAS

Reuni em um *moodboard* algumas referências de estilos gráficos de ilustração que poderiam me inspirar. Em um primeiro momento não me prendi a um estilo ou técnica única.



Artistas como Loish, Kim Jim, Kim Jay, Gabriel Soares e Glen Keane me inspiram

4. DESENVOLVIMENTO

Além disso, para criar um ambiente amigável e inspirador em meu quarto, onde trabalhei a maior parte do tempo nesse projeto, posicionei um cavalete com um quadro bem ao lado de minha mesa, onde eu prendia algumas peças que me inspiravam. Nele continha artigos de jornais sobre Simone de Beauvoir e futebol feminino brasileiro, revista com frases motivadoras, meus *storyboards* e roteiro, ilustrações minhas e de artistas que me inspiravam.

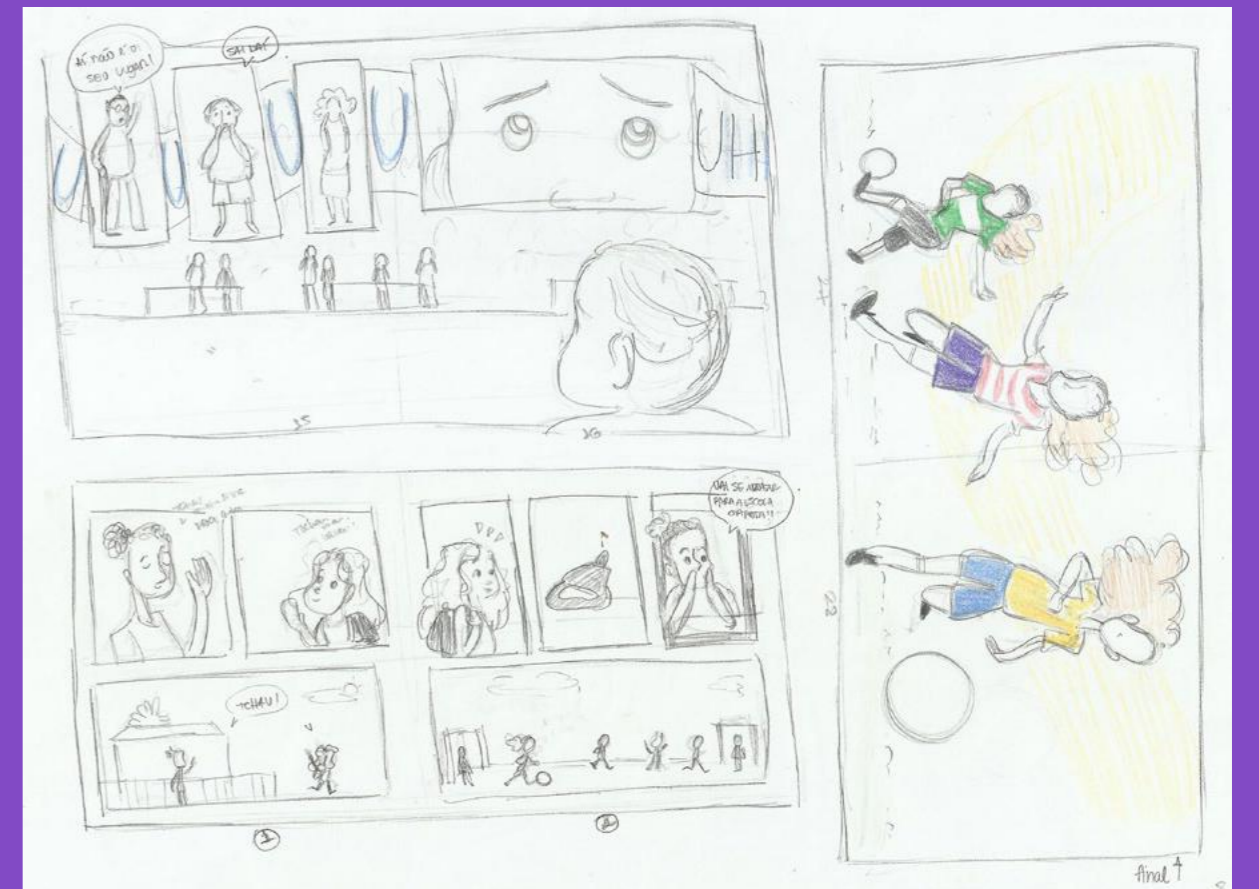
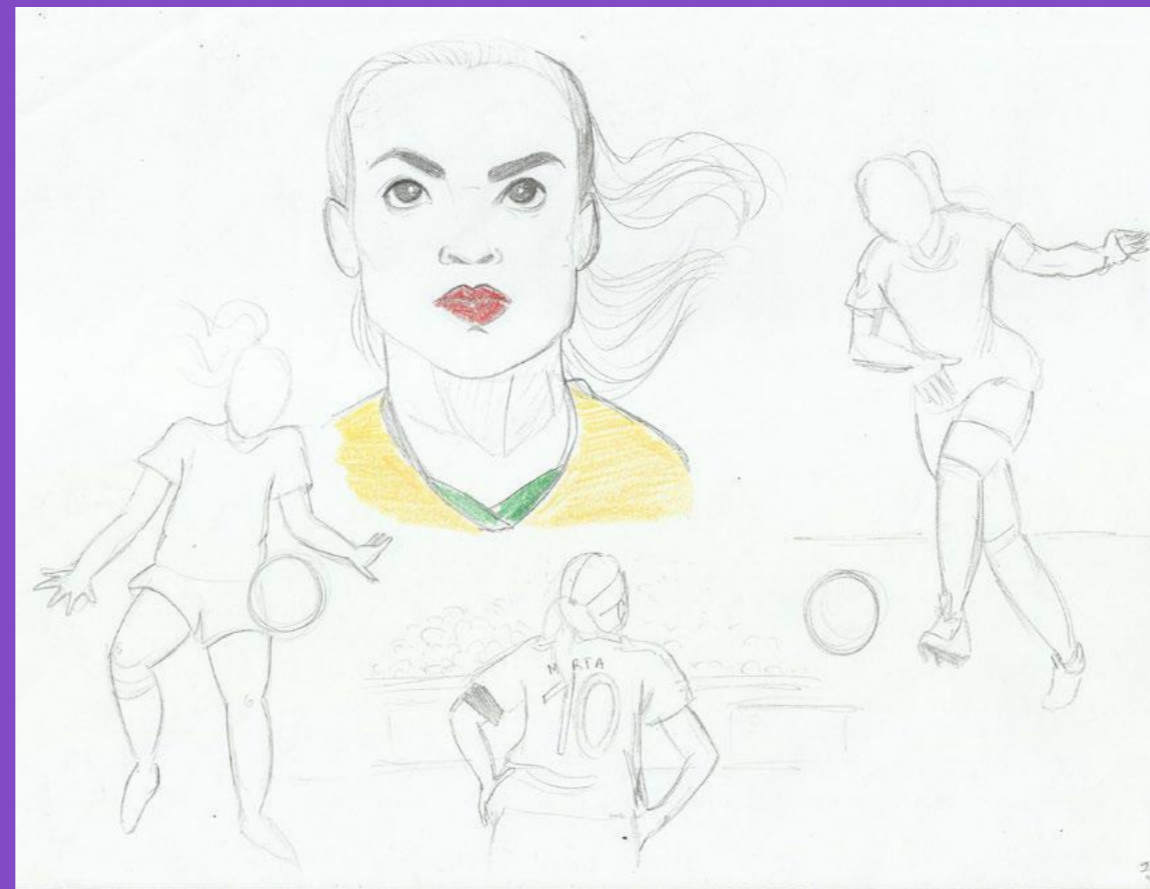
À medida que o tempo foi passando, esse quadro ganhou camadas assim como esse projeto e logo se tornou um grande companheiro nessa jornada, uma vez que não tinha como eu não perceber a presença dele.



Cavalete/ trambolho/
moodboard da
motivação

4.5 ESTUDOS

Os estudos foram o ponto de partida deste projeto para a parte prática. Tendo em mente a narrativa que queria contar e uma noção de *storyboard* para seguir, iniciei os estudos em cima do traço que traria personalidade ao livro.







O esboço que definiu qual seria o traçado dos personagens

Em meio a tantos ensaios, um único desenho com traçado diferente dos demais chamou a atenção por ser irreverente e único, e foi assim que surgiu a ideia de trazer os personagens com formas anatômicas desproporcionais, não condizentes com a vida real.

Assim, também, surgiu a ideia de criar um livro que trouxesse muito movimento, uma vez que cenas e planos mostravam a interação de jogadores de futebol em campo. E, por ser um livro apenas de imagens, não só a expressão corporal daria o tom da narrativa como também as expressões faciais.

4.6 PERSONAGENS E CENÁRIOS

Após definir o traço, comecei a imaginar como seria a personagem principal. Considerando as histórias pessoais das jogadoras da Seleção brasileira, queria que essa menina tivesse uma estética do interior do país: Franzina, morena e de cabelos volumosos.

Desenvolvi algumas silhuetas e em seguida, pensei no restante dos personagens. Como já foi dito anteriormente, a narrativa sofreu várias mudanças ao longo do caminho. Alguns personagens iniciais não estão no roteiro final mas, como me propus a falar sobre preconceito, a princípio, cada núcleo de personagens continha uma representação. Quando criei as personalidades, os personagens foram divididos dessa forma:

Menina: Representa o empoderamento feminino (participação social, luta por direitos), é vaidosa, tem muitos amigos, destemida, determinada, é a craque do time.

Mãe: Representa a união entre as mulheres baseada na empatia (que é a capacidade de se pôr no lugar da outra), é uma mãe compreensiva e companheira.

Amigos: Representam a quebra dos padrões de comportamento e da desigualdade de gênero), são meninos e meninas, cúmplices, divertidos e sem preconceitos.

Vizinhança: Representam os comportamentos da sociedade patriarcal, são adultos, conservadores e preconceituosos.

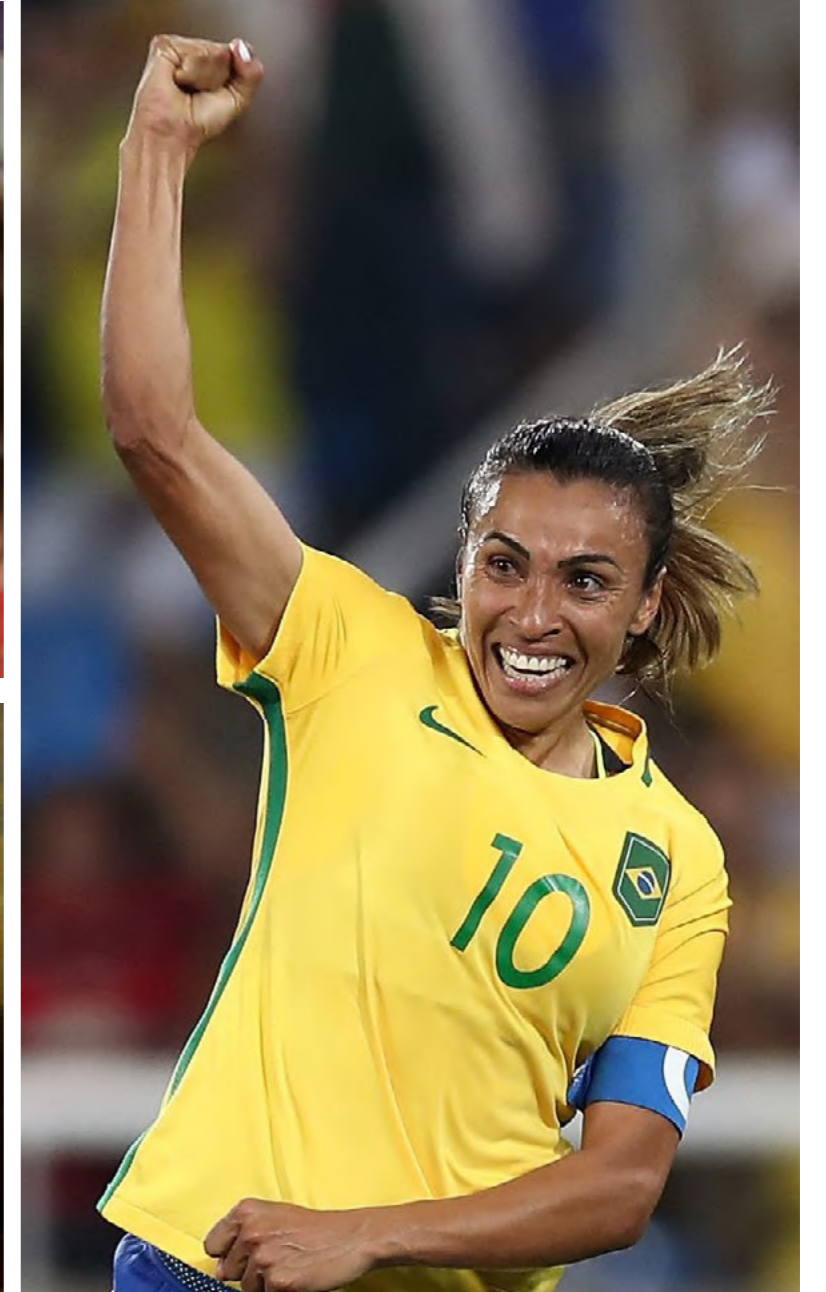
Com os ajustes de roteiro, a mãe e as amigas foram retiradas pois a narrativa precisava ser mais objetiva. Contudo, isso não altera a essência da história, que é mostrar que a sociedade atual é conservadora e os jovens são o caminho para um futuro melhor.

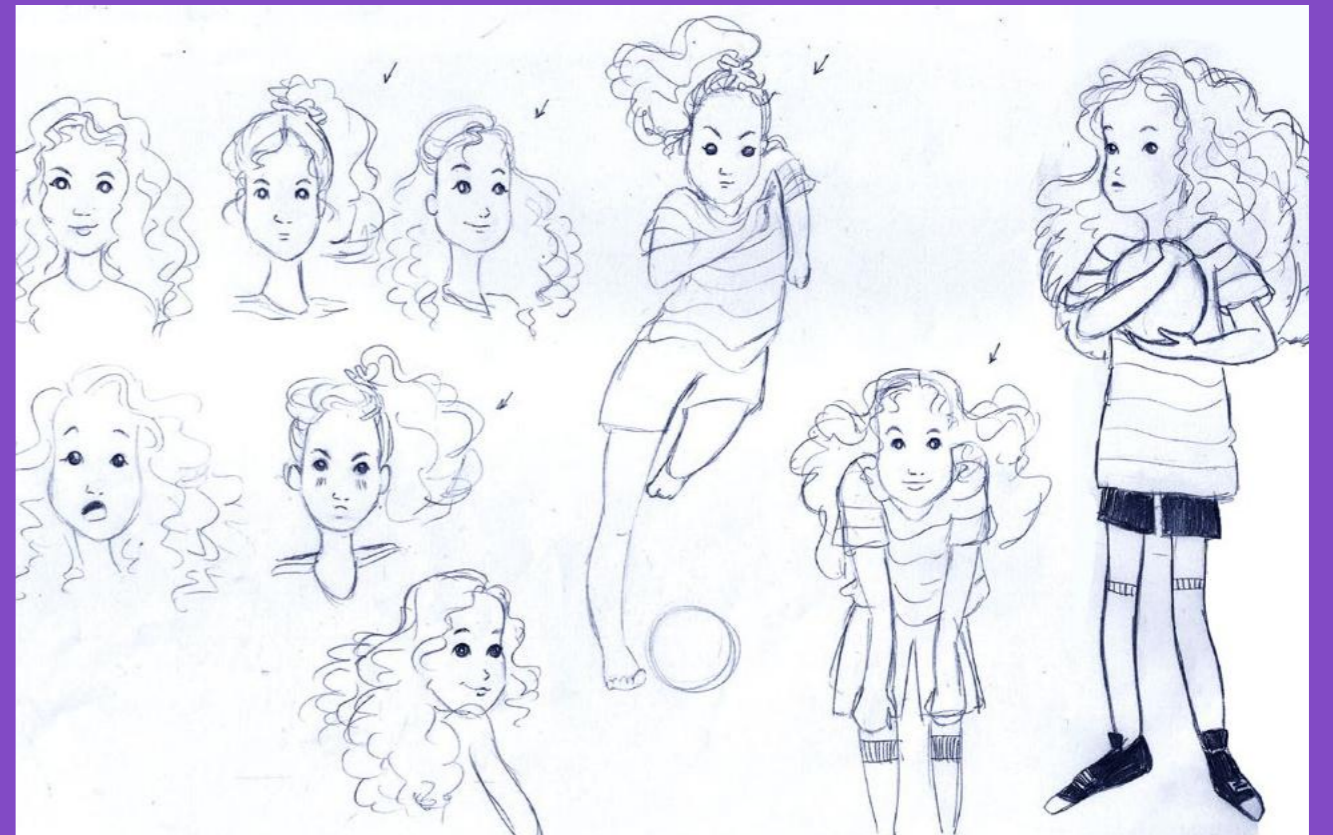
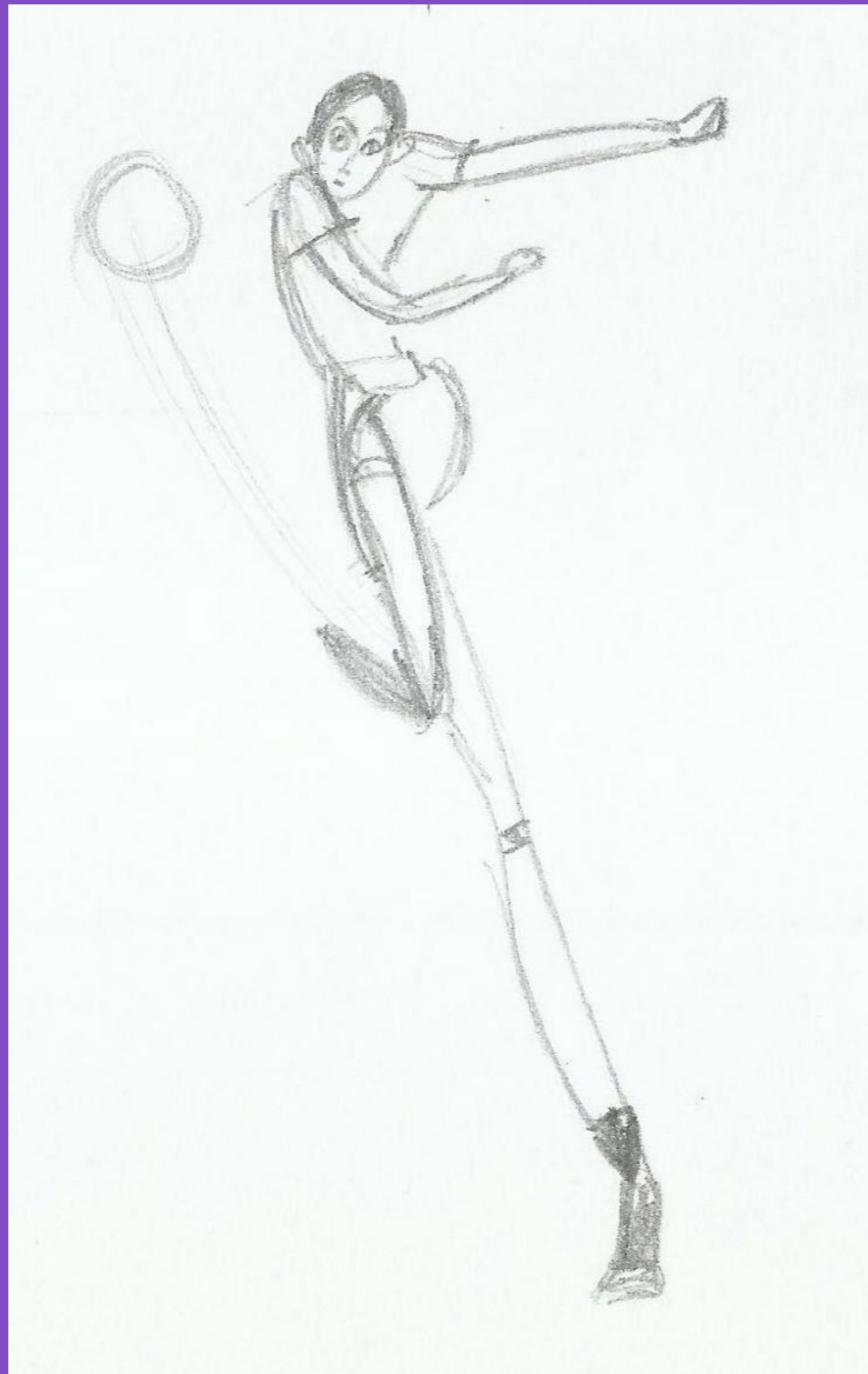
Feitas essas escolhas, parti em busca de inspirações para dar rosto aos meus personagens. Como a história se passa no interior do Brasil, minhas referências foram todas nacionais. Pesquisei por brasileiros que pudessem representar as características necessárias ao projeto e, como consequência, obtive muito da ficção nacional como filmes e séries veiculadas na televisão.

4. DESENVOLVIMENTO

- menina

Referências







- menina

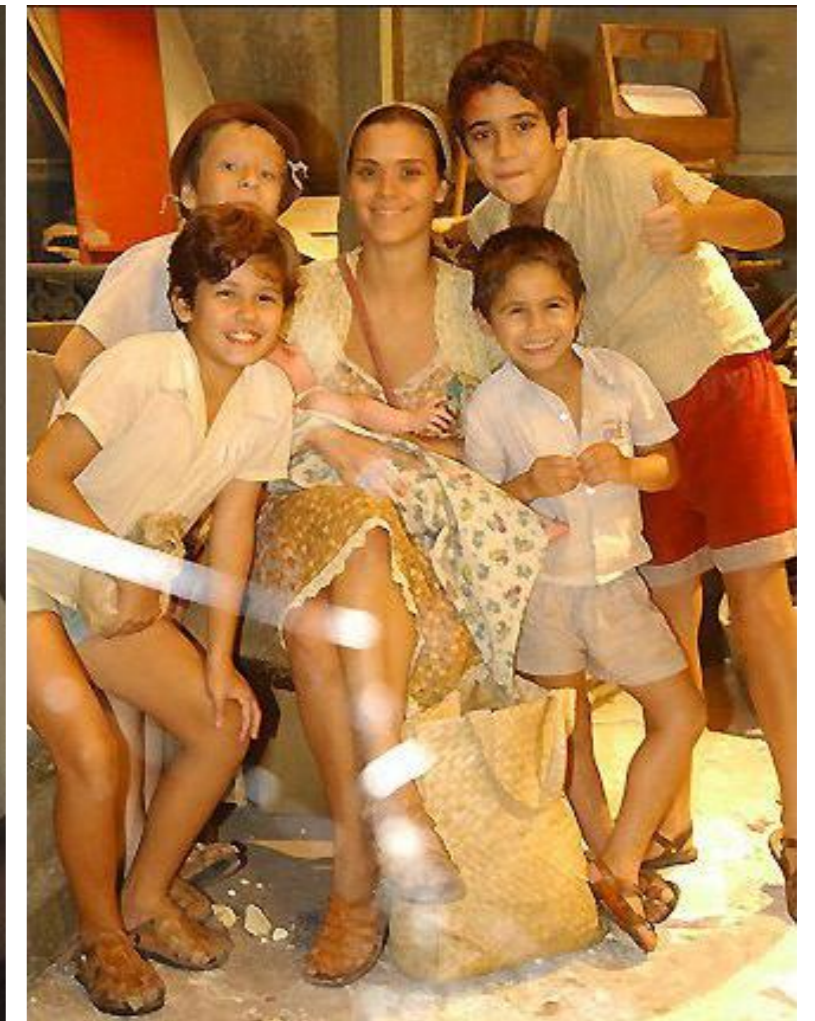
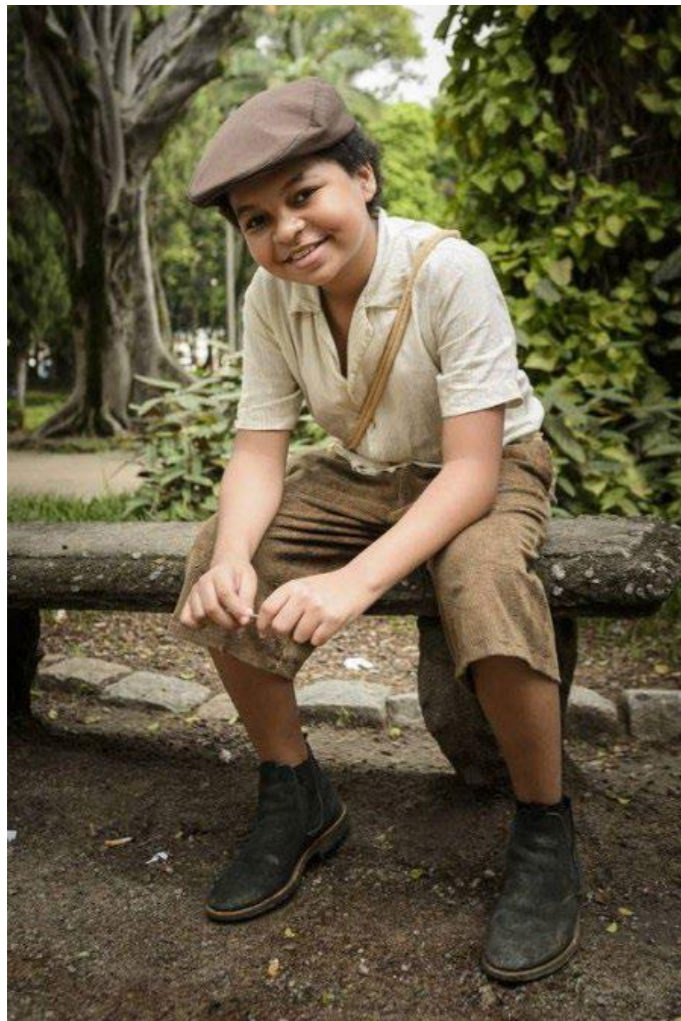
Versão final



4. DESENVOLVIMENTO

- amigos

Referências



4. DESENVOLVIMENTO

- amigos

Estudos e versão final



4. DESENVOLVIMENTO

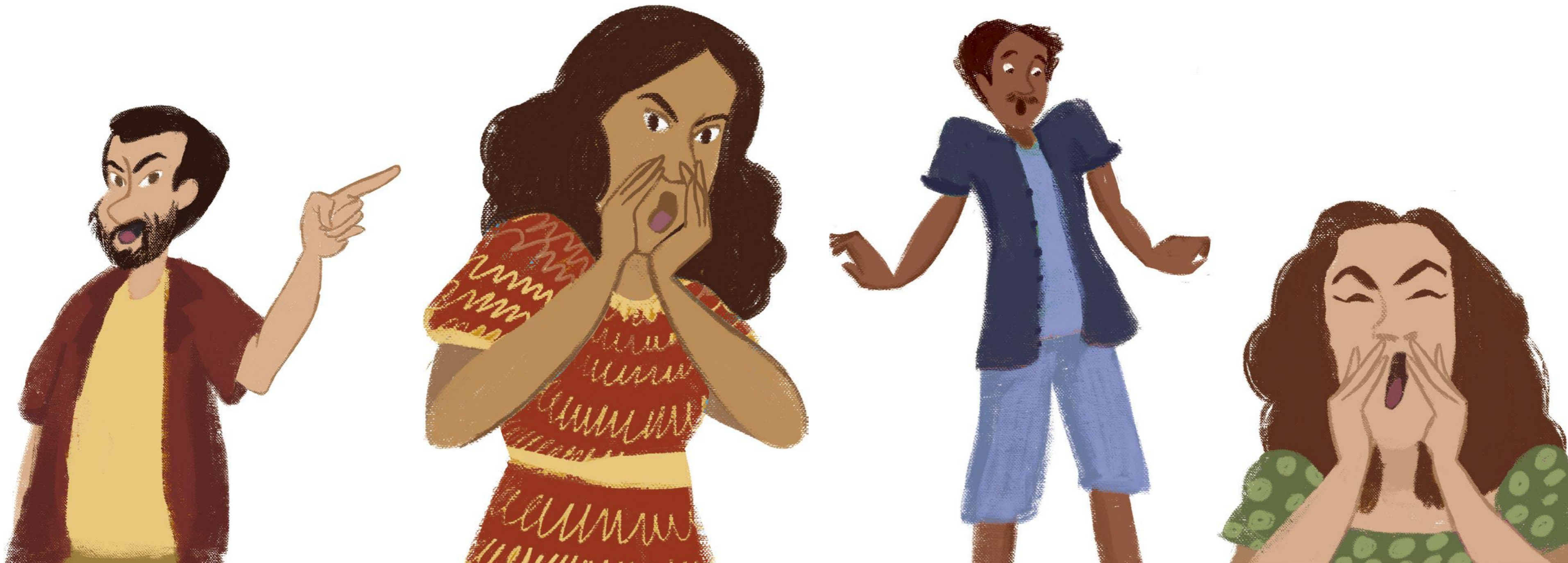
- vizinhança

Referências



- vizinhança

Versão final



4. DESENVOLVIMENTO

- ambientação

Referências



- ambientação

Estudos e versão final



4. DESENVOLVIMENTO

- uniformes

Estudos



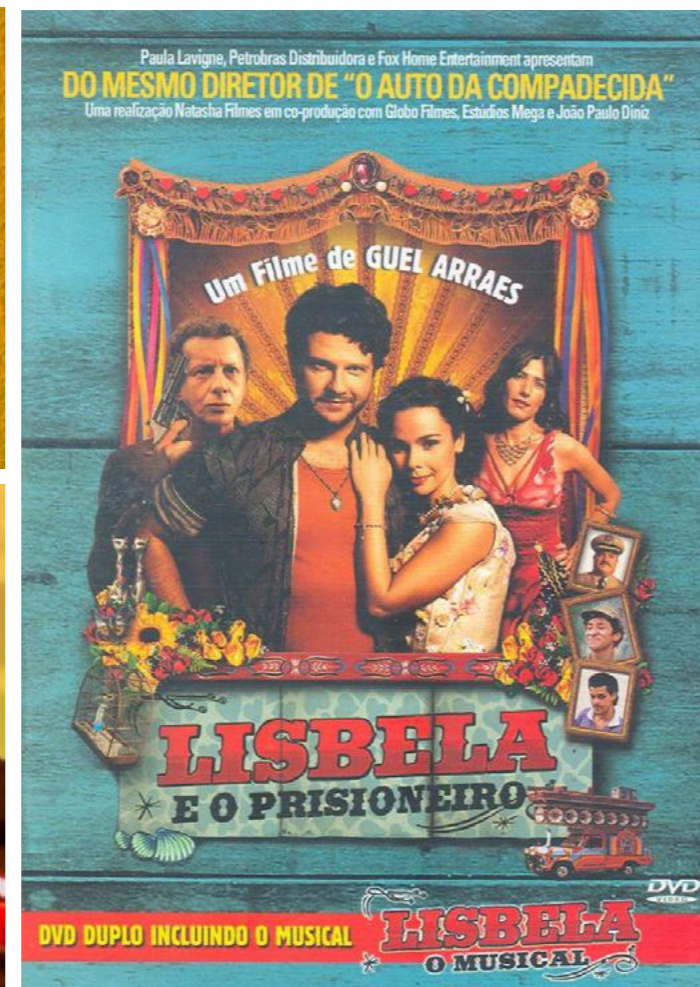
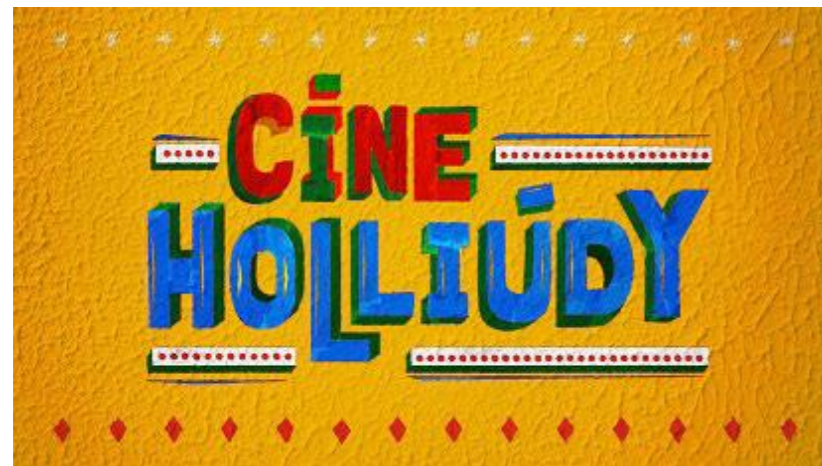
4. DESENVOLVIMENTO

Para me auxiliar nas poses de movimentação, muitas vezes utilizei um boneco articulado de madeira, além de abusar das referências de posturas das jogadoras de futebol e também da movimentação do anime japonês "Super Campeões".



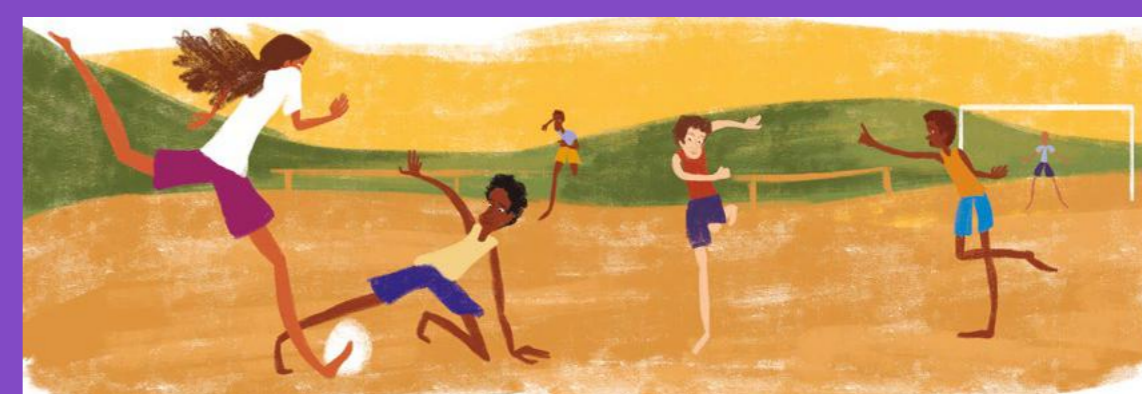
4.7 PALETA

Seguindo esse conceito de procurar referências nacionais, e, pensando em interior, automaticamente penso em tons quentes. Isso me fez lembrar de filmes nacionais que poderiam me ajudar, tais como “O Auto da Compadecida”, “Lisbela e o Prisioneiro” e “Cine Holliúdy”. Sem dúvidas as cores foram baseadas nessas obras mas também foram adaptadas ao longo das necessidades do projeto.



4.8 EVOLUÇÃO

Todas as cenas e planos tiveram significativos ajustes ao longo da produção, sejam estes nas cores, nas composições ou no enredo. A primeira cena se manteve em sua essência inicial, em uma ideia de apresentação panorâmica.



Bem no início do projeto, cada cena ou plano seria contado em uma página, mas, ao perceber que as duas páginas independentes contavam uma mesma história que acontecia simultaneamente, foi decidido que o livro seria lido em duplas.



Como dito anteriormente, a história sofreu muitas alterações já em seu roteiro. Abaixo, uma cena emblemática para mim, onde tentei ilustrar um amigo que viu a menina triste e teve a ideia de criar um campeonato de futebol de bairro para ela poder jogar como menino e se revelar após o gol.

Sem texto, essa transição de tempo e o imaginário do menino estavam complexos demais para serem ilustrados, além do risco de poder passar a ideia errada ou fazer o leitor se perder. Por isso, essa parte foi adaptada para algo mais suave e objetiva, em uma transição de noite/dia. Contudo, o plano do amigo foi retirado da narrativa.



4. DESENVOLVIMENTO

A ideia do menino teve que ser descartada mas o campeonato de futebol do bairro continuou como um meio de levar a narrativa ao ponto que ela foi designada: mostrar o preconceito em campo. Além disso, essa cena também serve para contextualizar o interior e a simplicidade de uma cidade brasileira.



4. DESENVOLVIMENTO

Outra cena panorâmica, retomando a atenção do leitor ao fato de que é uma menina jogando em meio aos meninos. As cores e a composição foram alteradas, como pode ser visto mais adiante no livro finalizado.



4. DESENVOLVIMENTO

Em um primeiro teste, o cenário refletiria os sentimentos da menina. O vermelho simbolizaria a agitação e a fúria. Porém, ficou muito saturado e limitador.

Após isso, parti para o teste da onomatopéia, inserindo uma tipografia que fosse um complemento e não agredisse a ilustração.



4. DESENVOLVIMENTO

O azul do fundo foi escolhido para contrastar com o céu amarelo e azul claro que aparece nas páginas anteriores. Esse azul também ajudou a dar um tom mais pesado no plano das vaias.



4. DESENVOLVIMENTO

Nessa cena, especificamente, quis dar muita ênfase à personagem, uma vez que é um momento de reviravolta em sua trajetória. Foi a partir dessa ilustração que surgiu a ideia de dar esse movimento "pintado" e borrado no cenário. O *brush usado* no *Photoshop* dá uma textura de óleo em tela, como se a história estivesse sendo realmente pintada e revelada em uma tela em branco.



4. DESENVOLVIMENTO

Levando em consideração que a direção de cenas do livro é baseada em imagens que uma câmera de tv poderia captar em uma partida real de futebol, a cena abaixo foi uma das mais difíceis de fazer, uma vez que haviam vários personagens e ações simultâneas em ângulos diferentes.



4. DESENVOLVIMENTO

O tom magenta do gol da menina foi escolhido inicialmente sem grandes pretensões, apenas por ser uma cor que traria contraste ao fundo mas também que seria uma cor mais alegre e vibrante que o tom azul das vairs.

Após análise de alguns leitores iniciais, percebi que o magenta era, além disso tudo, simbólico em relação ao sexo feminino. Ou seja, esses leitores viram nesse gol, um gol feminino.



A cena em que o gol envolve os torcedores foi uma das mais divertidas de produzir, uma vez que ela tem muitos movimentos corporais e expressões faciais. Nela, mais uma vez, o degradê e a opacidade trabalham juntos novamente, para dar unidade à característica da onda onomatopéica.

A tipografia entraria, a princípio, como um personagem contínuo em duas duplas, mas para evitar repetição desnecessária, o "gooooool" se transformou em "ooooooo" e mais tarde, como será mostrado adiante, em "ooooohh". Essa onomatopéia pode sugerir diversas interpretações ao leitor.



Abaixo, um esboço da cena final, que assim como a primeira da narrativa, permaneceu em sua essência. Foram feitos alguns ajustes finos como alteração de cores, continuidade de design de personagem e mais alguns detalhes finais como luz e sombra.

Assim como na cena de transição de noite para dia, a ilustração é completamente coberta no cenário, simbolizando uma mudança.



5. projeto gráfico

5.1 FORMATO

Segundo Linden (2011), “O livro ilustrado contemporâneo oferece grande variedade de formatos. A organização das mensagens a serviço da página ou da dupla, bem como o tamanho e a localização das imagens e do texto, estão solidamente articulados com as dimensões do livro.”

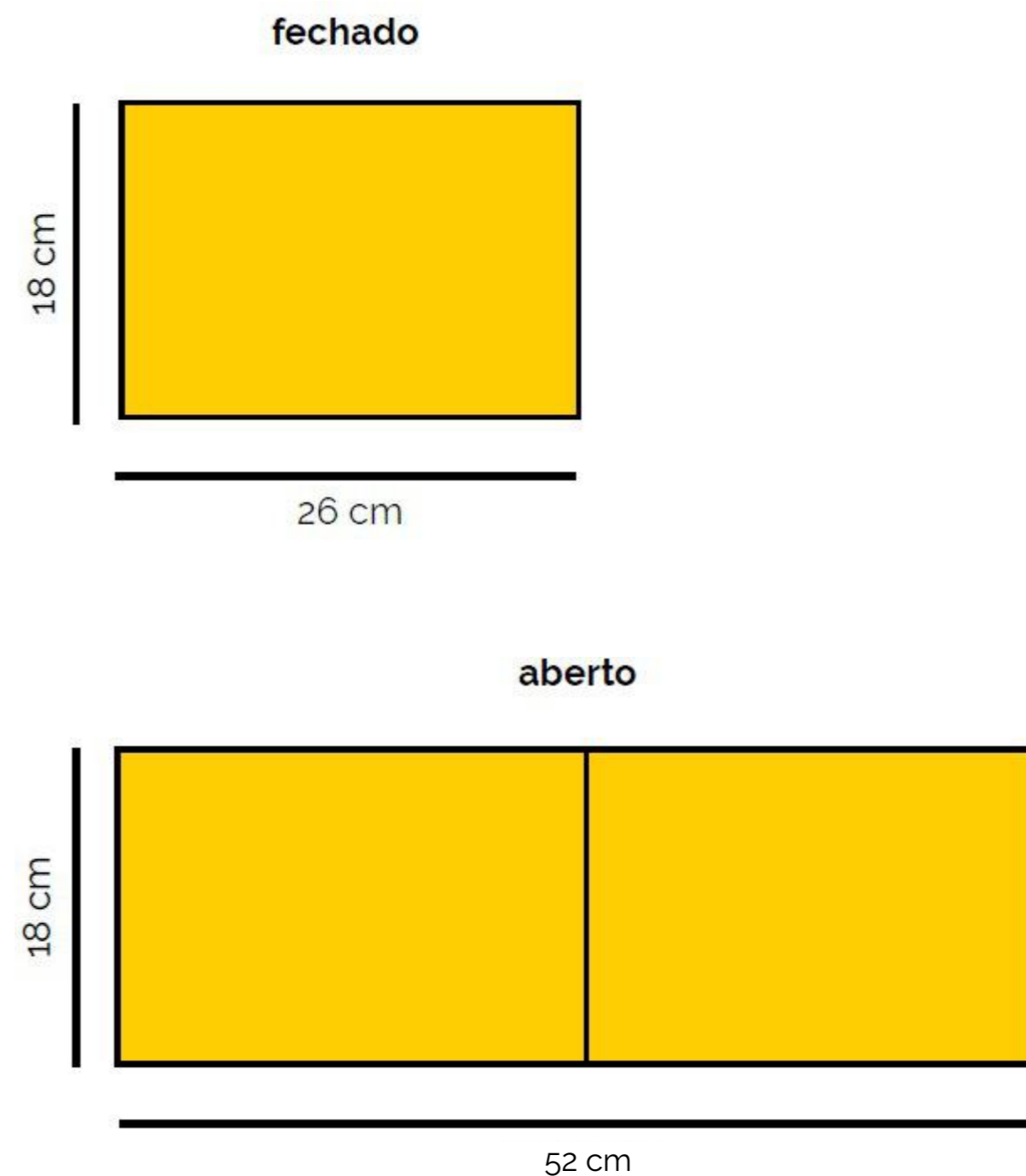
Ainda de acordo com a autora, “ O formato horizontal (dito à italiana), mais largo que alto permite uma organização plana das imagens, favorecendo a expressão do movimento e do tempo, e a realização de imagens sequenciais.”

De modo que este projeto de livro imagem conta com o auxílio das expressões para contar a história, o formato horizontal foi escolhido primeiramente pelo assunto ser futebol. As cenas e planos contínuos seriam melhores retratadas se pudessem ter um campo de visão que mostrasse bem o que acontece ao redor.

O formato foi finalizado desta maneira:

- 26 cm de largura x 18 cm de altura (fechado)
- 52 cm de largura x 18 cm de altura (aberto)
- papel Reciclato 90g (miolo)
- papel Cartão Supremo 300g com laminação fosca (capa)
- 32 páginas de miolo
- brochura

O papel Reciclato é composto por 75% de material reaproveitado e por isso não é tratado para ser branco. Foi escolhido para trazer a atmosfera dos campos do futebol ao livro físico. Já o papel da capa, o Cartão Supremo, foi escolhido pois é estável e maleável como capa mole, uma vez que o livro é "lido" de duplas em duplas.



5.2 TIPOGRAFIA

Por se tratar de um livro imagem e não conter texto, a tipografia foi inserida em algumas cenas como personagem e onomatopéia. A tipografia não é algo trazido como um texto a ser lido e sim um personagem que se infiltra em meio aos outros para dar forma aos sentimentos e expressões. Para tal, foi escolhida a "Bonoco", uma tipografia vernacular que harmonizou com o traço da narrativa.

BONOCO

ABCDEFGHIJ
KLMNOPQRS
TUVWXYZ
0123456789

A tipografia que compõe o título foi criada por mim, em uma disciplina do curso de Comunicação Visual Design, em um processo analógico: "Nanquim" é uma fonte vetorizada que surgiu a partir de pena de bambu e tinta nanquim. Além de ser uma fonte autoral e exclusiva, seu processo de desenvolvimento é equivalente ao processo de desenvolvimento do livro, saindo do papel para o digital.

NANQUIM

ABCDEFGHIJ
KLMNOPQRS
TUVWXYZ
0123456789



5.3 TÍTULO

"Coisa de menino?" foi o título escolhido por sintetizar o conceito da história e ironizar a ideia de que futebol não pode ser algo feminino. Abaixo, testes.

**COISA DE
MENINO ?**

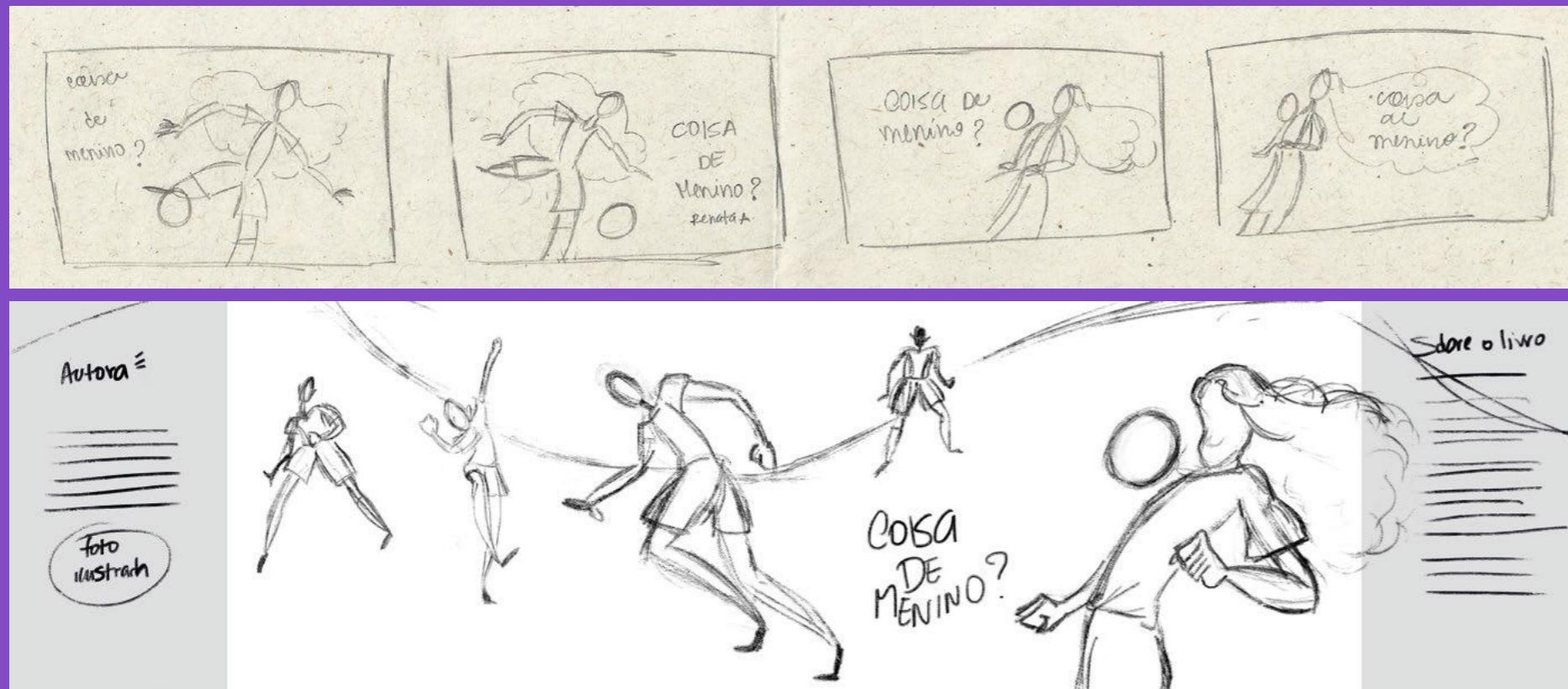
**COISA
DE
MENINO ?**

- Versão final

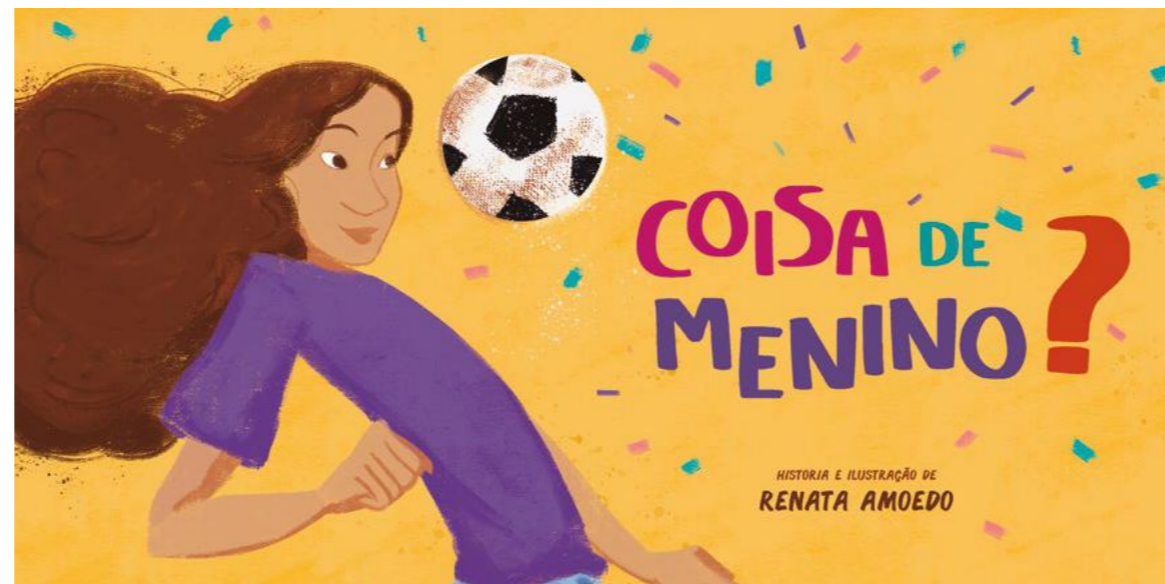
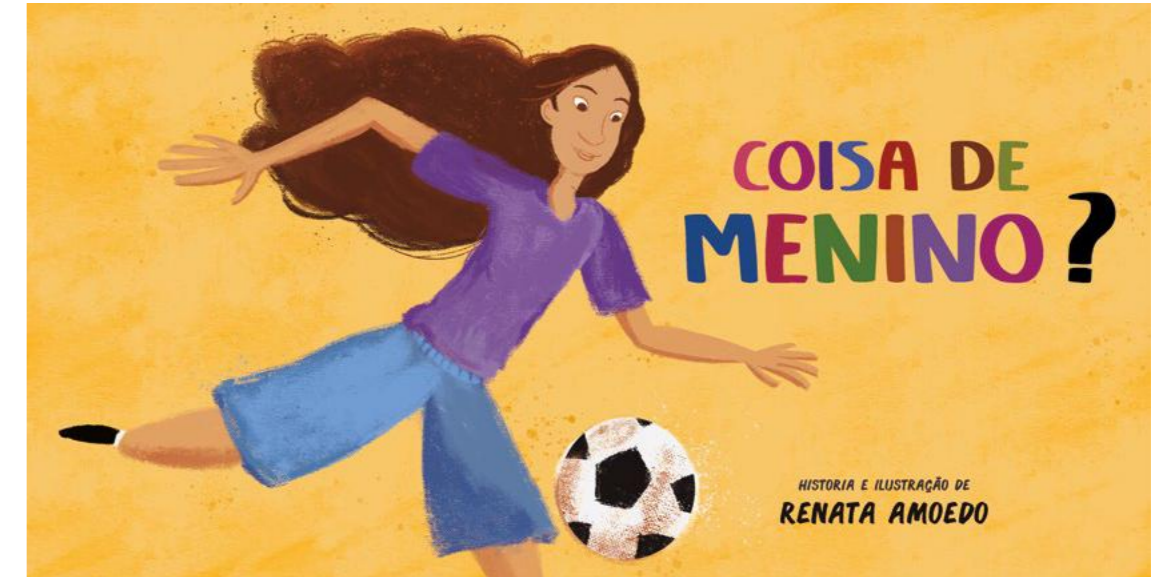
COISA DE
MENININO ?

5.3 CAPA

Foram feitos alguns testes de capas onde a proposta era relacionar o título, o futebol e a menina. Abaixo, alguns esboços:



- Testes



5. PROJETO GRÁFICO

- Versão final



5. PROJETO GRÁFICO

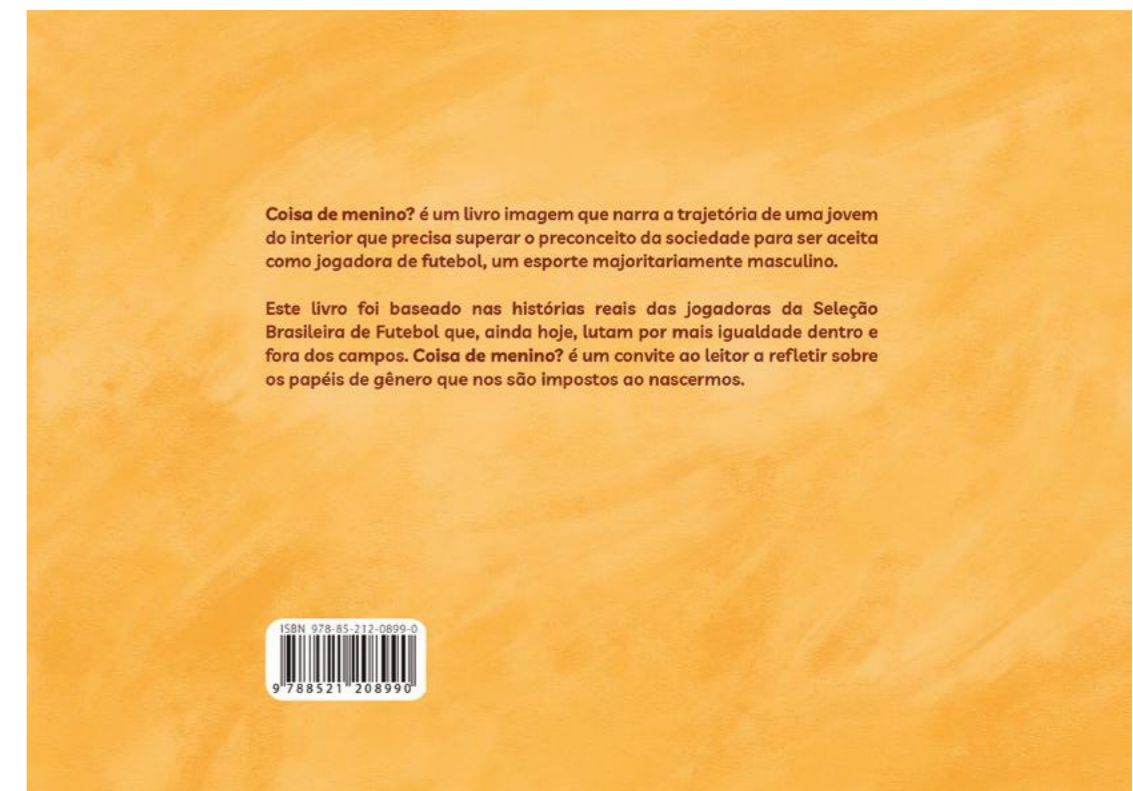
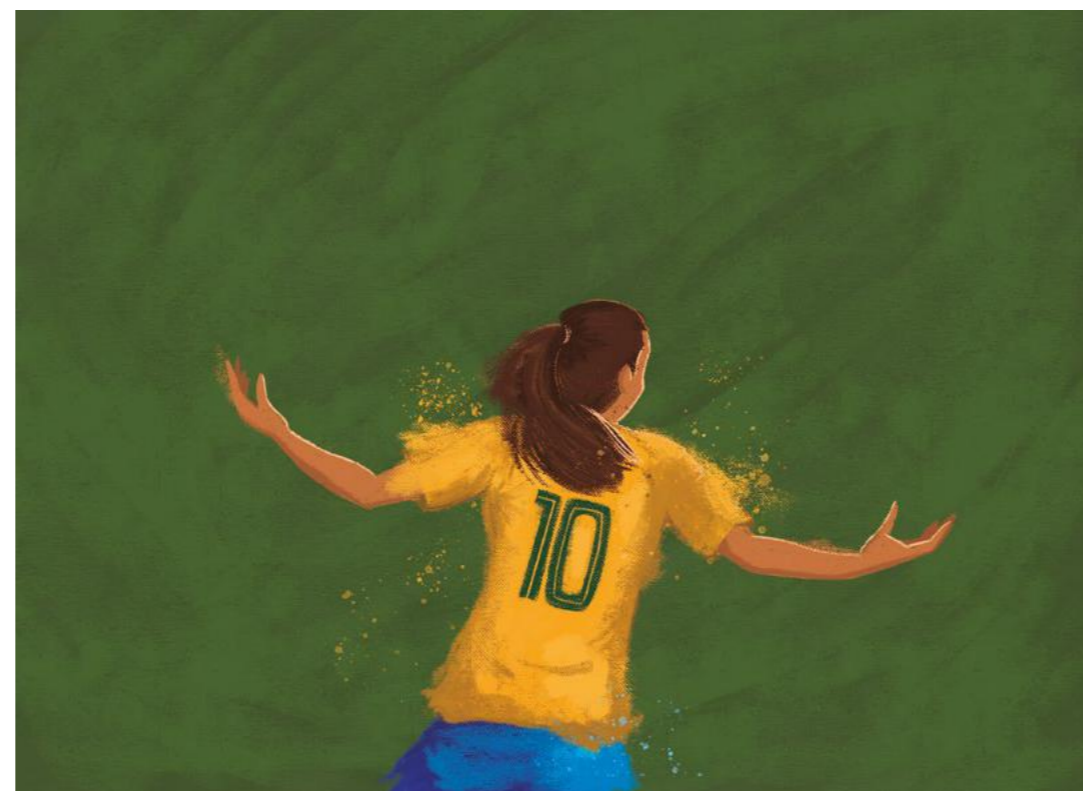
- Contra capas

A segunda, terceira e quarta capas foram produzidas depois do fechamento do miolo e, por este ser tão repleto de cores e movimentos, as contra capas são mais simples, deixando para a parte interna o maior conteúdo do livro.

A segunda capa trás o mesmo tom e textura da primeira capa justamente para não revelar muito sobre o conteúdo interno.

Já a terceira capa, trás uma mulher de costas, vestindo a camisa 10 da Seleção Brasileira de Futebol. O nome dessa mulher não é mostrado mas ela pode ser facilmente associada à jogadora Marta, - ícone do futebol brasileiro - ou pode ser um vislumbre do futuro de uma menina no futebol. Além disso, também pode ser uma visão do futuro da menina da narrativa. Isto é: A imagem foi criada e disposta na terceira capa para causar reflexão.

A quarta capa trás um breve resumo da história e o que motivou a produção de um livro com esse tema. Abaixo, a segunda, terceira e quarta capas, respectivamente:



6. projeto finalizado



COISA DE
MENINO?

RENATA AMOEDO

COISA DE
MENINO?

RENATA AMOEDO

Coisa de menino?
Renata Amoedo

1ª edição
Novembro de 2019

Roteiro e Arte
Renata Amoedo

Impressão
Trio Gráfica Digital

Todos os direitos autorais reservados.

Amoedo, Renata, 2019 -
Coisa de menino?/ Renata Amoedo.
Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2019.
32 p.;

ISBN: 12-34567-89-0

1. Livro imagem. 2. Futebol
3. Preconceito
I. Título I.

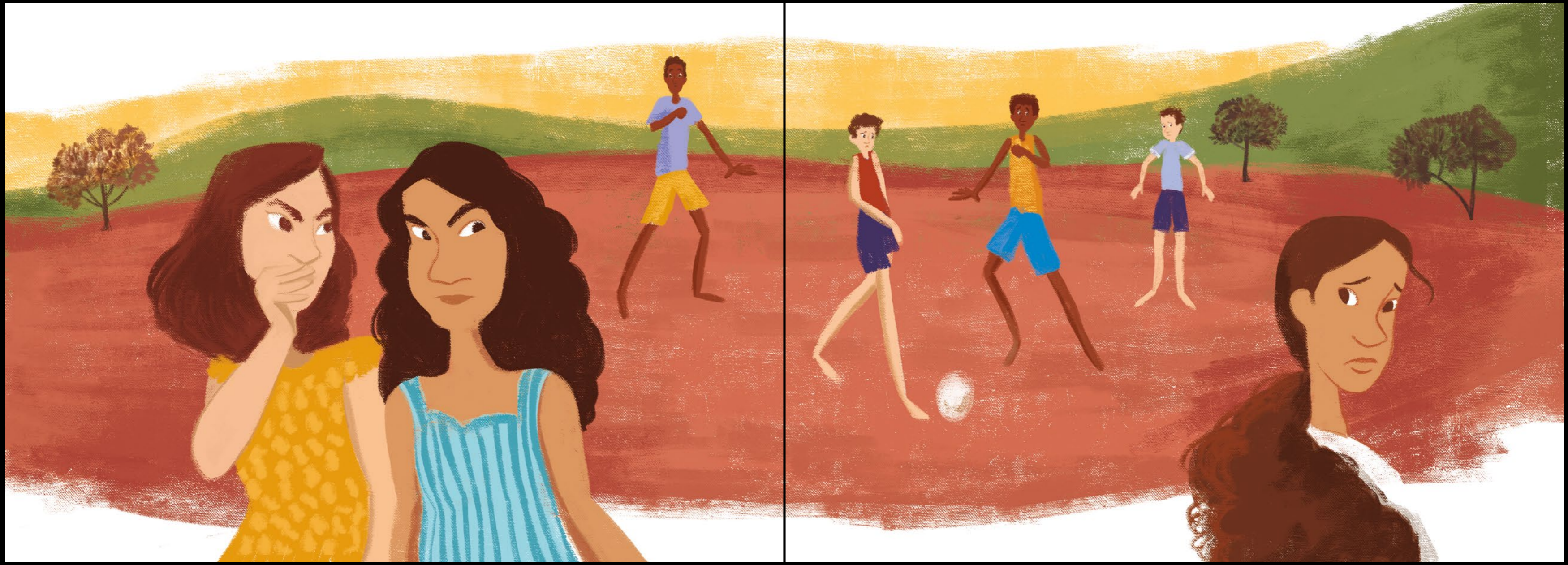
CDD: B123.45
CDU: 123.456./(78)-0





PARA LEILANI, COM AMOR







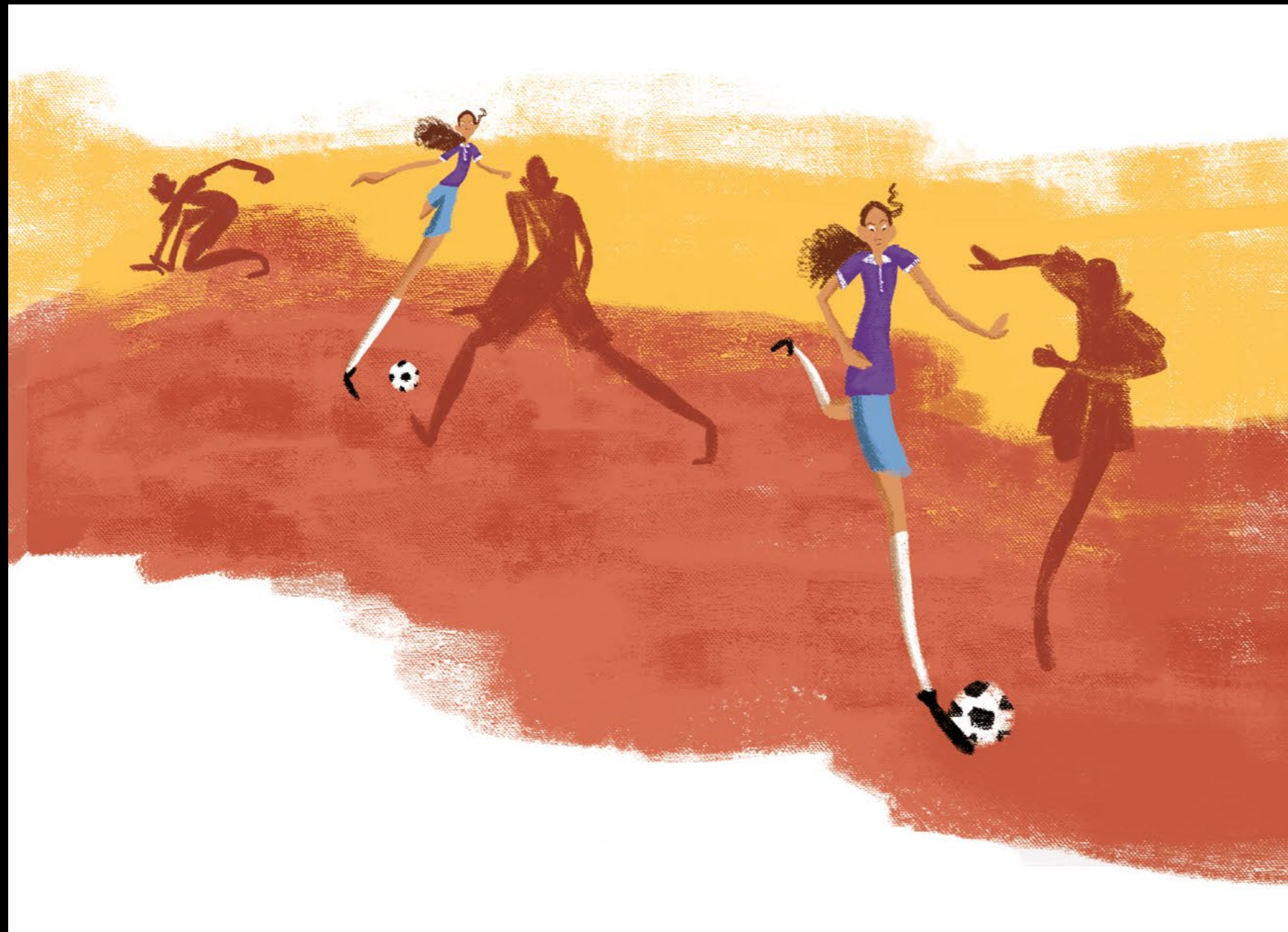


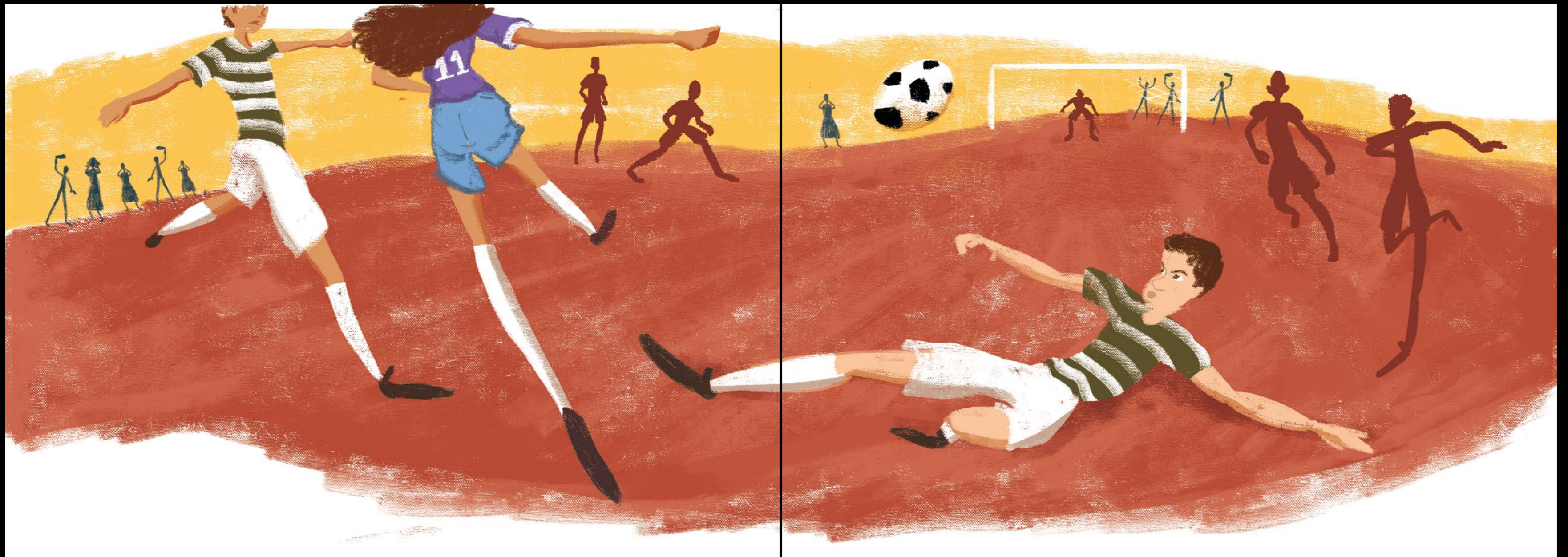


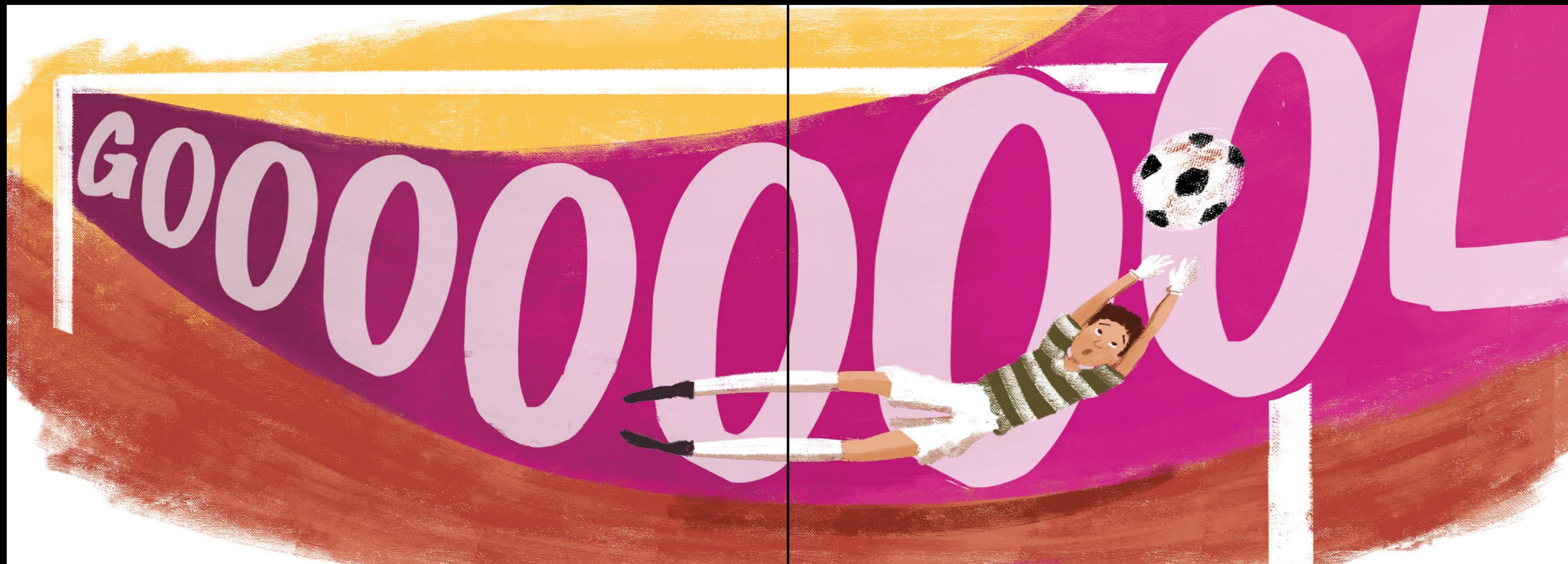


















SOBRE A AUTORA

Renata Amoedo é designer graduada em Comunicação Visual Design pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na adolescência, já ilustrava e diagramava suas próprias revistas e histórias em quadrinhos. **Coisa de menino?** é seu primeiro projeto de livro ilustrado autoral.

Este livro foi publicado pela Rocco e impresso pela gráfica Trio Gráfica Digital, com tipografias Bonoco, Livvic e Nanquim, usando papel Reciclato 90g no miolo e papel Cartão Supremo 300g na capa, em Novembro de 2019.

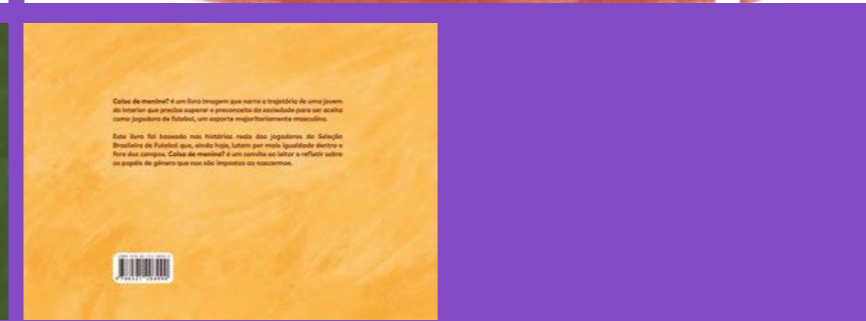
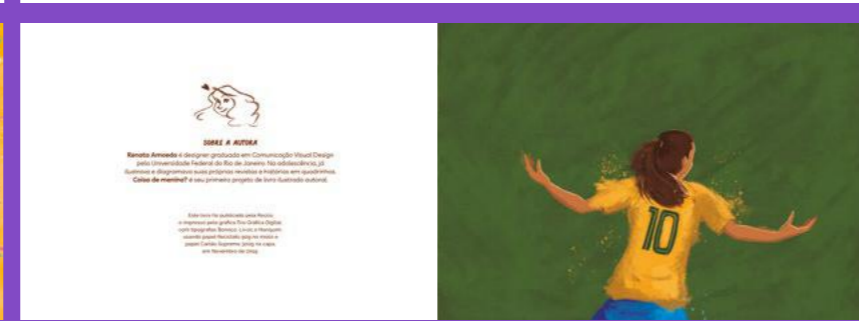


Coisa de menino? é um livro imagem que narra a trajetória de uma jovem do interior que precisa superar o preconceito da sociedade para ser aceita como jogadora de futebol, um esporte majoritariamente masculino.

Este livro foi baseado nas histórias reais das jogadoras da Seleção Brasileira de Futebol que, ainda hoje, lutam por mais igualdade dentro e fora dos campos. **Coisa de menino?** é um convite ao leitor a refletir sobre os papéis de gênero que nos são impostos ao nascermos.



- Caminho de ferro



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na adolescência eu costumava escrever, diagramar e ilustrar minhas próprias histórias em quadrinhos e revistas. Na época, não poderia imaginar que um dia iria me tornar designer e seguir nessa profissão, mas hoje, lembrando desses tempos, vejo que era o meu destino.

Desde o início desse projeto a minha intenção era a de aprender e já sabia que seria uma grande jornada pessoal. Queria me aprofundar mais no Feminismo, porém, fui muito além: entendi as questões de gênero, aprendi sobre estruturas sociais, adentrei no universo do futebol feminino e todo seu simbolismo no nosso país, me aventurei no campo da escrita e por fim, experimentei uma explosão de cores.

Este projeto me ensinou muito sobre o meu comportamento, medos pessoais e limitações no campo da ilustração, e não obstante, sobre a forma de enxergar o mundo ao redor. Foi curioso observar os primeiros leitores dessa narrativa de imagens. Alguns se surpreenderam com o fato do livro não conter texto, outros com a minha proposta de mesclar futebol e gênero feminino, outros com o fato de eu ter criado e produzido tudo: desde a história até a fonte que compõe o título.

Falando como uma mulher branca, cisgênero, de classe média e consciente dos vários privilégios sociais que me são dados só por ter nascido nessas condições, sei que ainda há muito para evoluirmos como sociedade e sei que muitas questões ligadas ao sexo feminino avançaram desde que me entendo como ser humano. Mas, ainda temos muito o que desconstruir e isso é um exercício diário.

Tendo isso em mente, e sabendo do que eu e tantas outras mulheres somos capazes, quero fazer a minha parte como colaboradora de um mundo melhor. Nesse mundo, formado por adultos que hoje são crianças, as mulheres são tratadas com mais respeito, sem desigualdades e preconceitos. Vejo nas crianças o futuro e, nos livros, uma ferramenta poderosa de conhecimento e aprendizado.

Conseguir realizar um sonho de ser formada por uma Universidade pública que resiste em meio a tanto caos e produzir um livro voltado para o social, com ensinamentos, conselhos, dicas e opiniões de tanta gente incrível que passou por esse processo comigo é realmente motivador para tornar esse livro real e acessível ao público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Sejam Todos Feministas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ARBACHE, Jorge Saba e DE NIGRI, João Alberto. Filiação Industrial e Diferencial de Salários no Brasil. Rio de Janeiro: Rev. Bras. Econ. vol.58 no.2, 2004.

AUTOR DESCONHECIDO. 5 grandes conquistas das mulheres brasileiras nos últimos anos, 2018. Disponível em <<https://www.metrojornal.com.br/foco/2018/03/07/5-grandes-conquistas-das-mulheres-brasileiras-nos-ultimos-anos.html>>. Último acesso em 26 de outubro de 2019.

AUTOR DESCONHECIDO. Gráfico da semana: O mundo ainda busca a igualdade salarial, 2018. Disponível em <<https://www.imf.org/pt/News/Articles/2018/08/06/blog-chart-of-the-week-equal-pay-remains-a-global-issue>>. Último acesso em 24 de Outubro de 2019.

AUTOR DESCONHECIDO. Lei Maria da Penha, sem ano. Disponível em <<https://www.cnj.jus.br/lei-maria-da-penha/>>. Último acesso em 26 de outubro de 2019.

AUTOR DESCONHECIDO, Paquistanesa baleada por defender estudo para mulheres discursa para jovens na ONU, 2013. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/paquistanesa-baleada-por-defender-estudo-para-mulheres-discursa-para-jovens-na-onu/>>. Último acesso em 24/09/2019.

BARLEM, Cintia; KESTELMAN, Amanda. A História do futebol feminino no Brasil, 2019. Disponível em <<https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino#content-2019>>. Último acesso em 08 de Novembro de 2019.

BARREIRA, Irllys A. Firmo. Resenha A dominação masculina. Rio de Janeiro: Revista de Ciências Sociais, V. 30 N. 1/2, 1999.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. Construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERNARDO, Taíssa. Fantasia. Rio de Janeiro: 2016.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CAVALLO, Francesca; FAVILLI, Elena. Histórias de ninar para garotas rebeldes. São Paulo: V&R, 2016.

CHADE, Jamil, Futebol feminino no Brasil tem origem nos circos, 2018. Disponível em <<https://www.terra.com.br/diversao/arte-e-cultura/futebol-feminino-no-brasil-tem-origem-nos-circos,e10ea6293018903od637841b1b687b4cn78aiim6.html>>. Último acesso em 30 de Setembro de 2019.

CHEMALY, Soraya, 10 sexismos do dia-a-dia e o que você pode fazer a respeito deles, 2014. Disponível em <<https://www.contioutra.com/10-sexismos-dia-dia-e-o-que-voce-pode-fazer-respeito-deles/>>. Último acesso em 18 de Agosto de 2019.

EISNER, Will. Narrativas gráficas. São Paulo: Devir Livraria, 2005.

ESTÉS, Clarissa. Mulheres que correm com os lobos. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FINCO, Daniela; VIANNA, Claudia. Meninas e meninos na Educação Infantil: Uma questão de gênero e poder. São Paulo: Cad. Pagu [online], 2009.

GAROIA, Karen. LGBTI+: tudo o que você precisa saber sobre os termos ligados à luta da comunidade gay, 2019. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/celina/lgbti-tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-os-terminos-ligados-luta-da-comunidade-gay-23671514>>. Último acesso em 26 de Agosto de 2019.

GOMBRICH, Ernst Hans. A história da arte. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Explosão feminista. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HOPKINS, Patrick D.; MAY, Larry; STRIKWERDA Robert. Rethinking Masculinity: Philosophical Explorations in Light of Feminism (New Feminist Perspectives). Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 1992.

LISPECTOR, Clarice. Correio feminino. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

LOSCHI Marília; PERISSÉ Camille. Mercado de trabalho reflete desigualdades de gênero, 2019. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25223-mercado-de-trabalho-reflete-desigualdades-de-genero>>. Último acesso em 13 de Julho de 2019.

MAGALHÃES, Aloísio. E triunfo?: a questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MCCLOUD, Scott. Desenhando quadrinhos. São Paulo: M. Books, 2014.

MEGGS, Phillip B. História do design gráfico. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre (1975-1982). Porto Alegre: 2004.

MOORE, Henrieta. Compreendendo sexo e gênero. Londres: Companion Encyclopedia of Anthropology, 1997.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. Livro Ilustrado: Palavras e Imagens. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

OLIVEIRA, Rui. Pelos jardins de Boboli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

PEREIRA, Tuka. #MeToo: Mais 500 mil mulheres expõem o tamanho do abuso e do assédio no mundo, 2017. Disponível em <<https://www.hypeness.com.br/2017/10/metoo-mais-500-mil-mulheres-expoem-o-tamanho-do-abuso-e-do-assedio-no-mundo/>>. Último acesso em 16 de Junho de 2019.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. Curitiba: v.18, n.36, 2010.

PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

SCOTT, Joan Wallach. Gender and the Politics of History. Nova York: Columbia University Press, 1988.

STEVENS, Evelyn P. Machismo and Marianismo. Revista Society, 1973.

VAN DER LINDEN, Sophie. Para ler o livro ilustrado. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

VOGLER, Christopher. A Jornada do Escritor: Estrutura mítica para escritores. São Paulo: Aleph, 2015.